Pedagogia

A AVALIAÇÃO NA ESCOLA

Benigna Maria de Freitas Villas Boas

PEDEaD

Estado do Acre

Governador
Arnóbio Marques
Vice-Governador
César Messias
Secretaria de Estado de Educação do Acre
Maria Corrêa da Silva
Coordenadora de Ensino Superior da SEEA
Maria José Francisco Parreira

Fundação Universidade de Brasília — FUB/UnB

Reitor
Timothy Martin Mulholland
Vice-Reitor
Edgar Nobuo Mamiya
Decano de Ensino e Graduação
Murilo Silva de Camargo
Decano de Pesquisa e Pós-graduação
Márcio Martins Pimentel

Faculdade de Educação — FE/UnB

Diretora
Inês Maria M. Zanforlin Pires de Almeida
Vice-Diretora
Laura Maria Coutinho
Coordenadora Pedágogica
Sílvia Lúcia Soares
Coordenador de Informática
Lúcio França Teles

Centro de Educação a Distância — CEAD/UnB

Diretor
Sylvio Quezado de Magalhaes
Coordenador Executivo
Ricardo de Sagebin
Coordenadora Pedagógica
Ana Luisa Nepomuceno
Gestão de Produção
Rossana Mary Fujarra Beraldo
Design Gráfico
Enéas Figueredo Júnior
Ezequiel Neves
Equipe de Revisão
Daniele Santos
Fabiano Vale
Marcela Passos
Designer Educacional
Ezequiel Neves

Mo692 Módulo III : A avalição na escola. / Benigna Maria de Freitas Villas Boas. – Brasília : Universidade de Brasília, 2007.
77 p.

1. Educação a distância. 2. Ensino de ciência no Brasil. 3. Avaliação forma e informal. I. Villas Boas, Benigna Maria de Freitas. II. Universidade de Brasília. Centro de Educação a Distância.

CDD 574

ISBN: 978-85-230-0882-6

Sumário

Conhecendo a autora 6

Apresentação 7

Seção 1

A avaliação no nosso cotidiano 10

A avaliação na escola 10

A avaliação informal precisa ser praticada com cuidado e seriedade. 13

Para que serve a avaliação? 15

Seção 2

Planejamento do processo avaliativo 24

Procedimentos de avaliação 25

Avaliação por meio de portfólios 26

Princípios norteadores do trabalho com portfólio 29

Socialização dos portfólios 34

O trabalho com o portfólio 35

Planejamento do trabalho com o portfólio 36

Avaliação por meio de provas 37

Avaliação por colegas 38

Seção 3

Avaliação por meio de auto-avaliação ____ 42

Avaliação por meio de entrevista _____ 43

Avaliação por meio da observação _____ 45

Articulações finais: avaliação e ética _____ 49

Referências _____ 54

Conhecendo a autora

Benigna Maria de Freitas Villas Boas nasceu em Bonfim, Minas Gerais. É normalista, pedagoga, mestre em Educação pela University of Houston, Texas, Estados Unidos, e doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Realizou estudos de pós-doutorado em Avaliação e Currículo no Instituto de Educação da Universidade de Londres. Foi professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal, tendo atuado nas séries iniciais do ensino fundamental, no curso de Magistério e em equipes de supervisão, currículo e planejamento.

Atualmente, é professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, onde oferece disciplinas relacionadas à organização do trabalho pedagógico em cursos de graduação e nos cursos de mestrado e doutorado. Tem desenvolvido pesquisas sobre avaliação e organização do trabalho pedagógico e orientado dissertações e teses sobre o mesmo tema. É autora do livro Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico, da editora Papirus, co-autora de outros livros e autora de artigos publicados em periódicos. Além disso, é coordenadora do grupo de pesquisa Avaliação e Organização do Trabalho Pedagógico (GEPA), cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Apresentação

Prezado(a) professor(a) aluno(a),

Seja bem-vindo(a) ao estudo do módulo que trata da Avaliação na Escola. Ele é composto de três seções. A primeira apresenta a avaliação formativa, dando destaque às diferenças entre avaliação formal e informal. Enquanto realiza suas atividades, pense sobre as seguintes questões: como você tem praticado a avaliação? Como a sua escola conduz o processo avaliativo? Ele condiz com a avaliação formativa? Por quê?

A segunda seção analisa o processo avaliativo, ou seja, seu planejamento e os seguintes procedimentos: portfólios, provas e avaliação por colegas. Reflita: você planeja a avaliação que pratica? Como? Em que momentos? Os procedimentos mencionados são usados por você? Como tirar proveito deles?

A terceira seção dá continuidade à discussão sobre procedimentos avaliativos, apresentando a auto-avaliação, a observação e a entrevista. Além disso, é feita reflexão sobre a ética na avaliação. Pense sobre como você poderá incorporar os procedimentos mencionados à sua prática pedagógica. Ao final dos estudos propostos por este módulo, responda: que contribuições ele apresenta para o desenvolvimento do processo avaliativo em sua escola e em sua sala de aula?

Desejo-lhe sucesso em seu curso e em seu trabalho. Entre em contato comigo sempre que for necessário.

Um grande abraço!

Benigna Maria de Freitas Villas Boas

Prezado(a) professor(a) aluno(a),

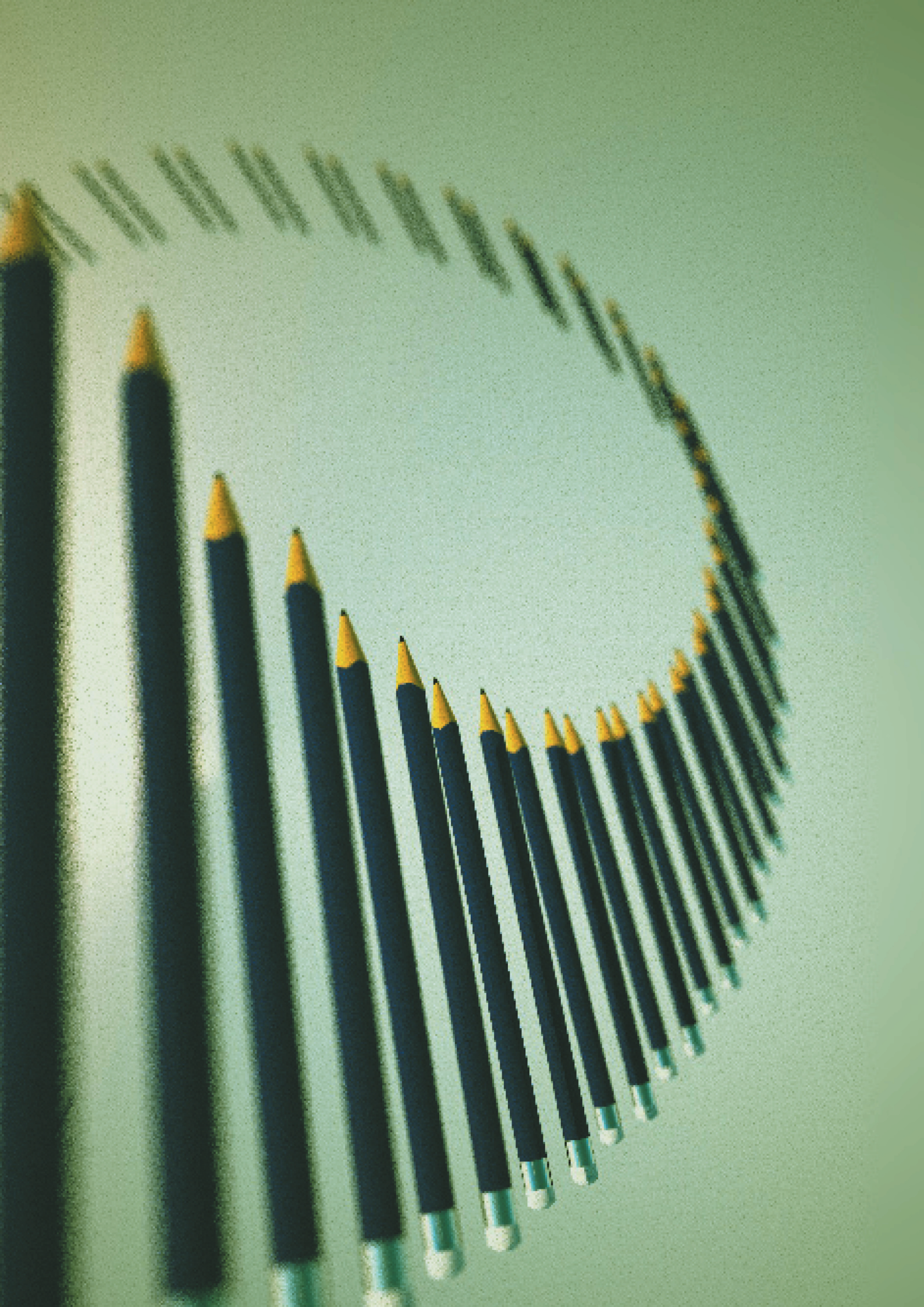
Seja bem-vindo(a) ao estudo do módulo que trata da Avaliação na Escola. Ele é composto de três seções. A primeira apresenta a avaliação formativa, dando destaque às diferenças entre avaliação formal e informal. Enquanto realiza suas atividades, pense sobre as seguintes questões: como você tem praticado a avaliação? Como a sua escola conduz o processo avaliativo? Ele condiz com a avaliação formativa? Por quê?

A segunda seção analisa o processo avaliativo, ou seja, seu planejamento e os seguintes procedimentos: portfólios, provas e avaliação por colegas. Reflita: você planeja a avaliação que pratica? Como? Em que momentos? Os procedimentos mencionados são usados por você? Como tirar proveito deles?

A terceira seção dá continuidade à discussão sobre procedimentos avaliativos, apresentando a auto-avaliação, a observação e a entrevista. Além disso, é feita reflexão sobre a ética na avaliação. Pense sobre como você poderá incorporar os procedimentos mencionados à sua prática pedagógica. Ao final dos estudos propostos por este módulo, responda: que contribuições ele apresenta para o desenvolvimento do processo avaliativo em sua escola e em sua sala de aula?

Desejo-lhe sucesso em seu curso e em seu trabalho. Entre em contato comigo sempre que for necessário.

Um grande abraço!



1 Em busca da avaliação formativa

Objetivos:
- Reconhecer evidências, em seu trabalho, de práticas ou procedimentos de avaliação formal e de avaliação informal, descrevendo-as e justificando-as.
- Reconhecer, em seu trabalho, os procedimentos de avaliação formal e de avaliação informal.
- Descrever os propósitos da avaliação formal e da informal, a articulação entre essas duas modalidades, assim como as possibilidades e as fragilidades de cada uma delas.
- Descrever as evidências de uso da avaliação formativa em sua sala de aula e na escola, justificando-as.

A avaliação no nosso cotidiano

Pense em situações do seu cotidiano. Quando você está avaliando? O que você mais avalia? Pessoas ou coisas? Quais palavras mais usa para avaliar?

A avaliação acontece a todo momento e em várias atividades da nossa vida. Estamos sempre fazendo apreciações sobre o que vemos, o que fazemos, o que ouvimos, o que nos interessa e o que nos desagrada. Estamos sempre julgando. E como gostamos de usar adjetivos! Praticamos a avaliação quando estamos em uma fila de banco ou de supermercado: para alguns o atendimento é rápido, para outros pode ser percebido como lento. Praticamos a avaliação quando estamos fazendo compras em uma feira: analisamos os preços, comparamos, pechinchamos e decidimos pela compra de um ou outro produto. Ao assistirmos a um programa de televisão, em casa, junto a nossos familiares, fazemos comentários sobre a apresentação dos atores, sobre suas roupas, sobre os temas debatidos e sobre a maneira de tratá-los. Recomendamos ou não o programa a outras pessoas. Tudo isso é avaliação. Dizemos com freqüência: "o desempenho desse artista é ótimo!"; "esse filme é denso"; "a música do filme é relaxante"; "como os preços estão altos!". Os adjetivos estão sempre presentes em nossas apreciações.

A avaliação na escola

Na escola isso também acontece, só que nela a avaliação é intencional e sistemática e os julgamentos que aí são feitos têm muitas conseqüências, algumas positivas, outras negativas. Mesmo antes de a criança chegar à escola, no momento da sua matrícula, a avaliação pode começar. Ainda não é a avaliação por meio de provas e exercícios, mas por meio das informações que mostram quem é a criança: onde mora, com quem mora, o que sua família faz etc. Até o fato de a matrícula ser feita por outra pessoa que não seja o pai ou a mãe provoca algum tipo de avaliação. Muitas vezes nesse momento começa a ser construída a imagem que a criança terá enquanto estiver naquela escola. Essa é uma das conseqüências da avaliação, que pode influenciar a maneira de a criança ser tratada na escola, repercutindo em sua trajetória escolar e de vida. Certa vez, pesquisando a avaliação praticada em uma escola que atendia alunos da educação infantil e dos anos iniciais da educação fundamental, durante uma reunião de professores, ouvi uma professora explicando para a sua colega quem era o aluno da 1a série sobre o qual ela falava: "é aquele cujo avô veio fazer sua matrícula e estava bêbado". Essa criança parece ter ficado com essa marca naquela escola. Observe: muitas vezes, até a família do aluno é avaliada. Com que objetivo fazemos isso?

A avaliação acontece de várias formas na escola. É muito conhecida a avaliação feita por meio de provas, exercícios e atividades quase sempre escritas, como produção de textos, relatórios, pesquisas, resolução de questões matemáticas, questionários etc. Quando a avaliação é realizada dessa forma, todos ficam sabendo que ela está acontecendo: alunos, professores e pais. Esse tipo de avaliação costuma receber nota, conceito ou menção. É o que **chamamos de avaliação formal.**

Mas, há outro tipo de avaliação muito freqüente, principalmente na educação infantil e nos anos iniciais da educação fundamental: é aquela que se dá pela interação de alunos com professores, com os demais educadores que atuam na escola e até mesmo com os próprios alunos, em todos os momentos e espaços do trabalho escolar. **É chamada de avaliação informal.** Ela é importante porque dá chances ao professor de conhecer mais amplamente cada aluno: suas necessidades, seus interesses, suas capacidades. Quando um aluno mostra ao professor como está realizando uma tarefa ou lhe pede ajuda, a interação que ocorre nesse momento é uma prática avaliativa informal, isto é, o professor tem a oportunidade de acompanhar e conhecer o que ele já aprendeu e o que **ainda** não aprendeu. Quando circula pela sala de aula observando os alunos trabalharem, o professor também está analisando, isto é, avaliando o trabalho de cada um. São momentos valiosos para a avaliação.

A diferença entre a avaliação informal e a formal é que a informal nem sempre é prevista e, conseqüentemente, os avaliados, no caso os alunos, não sabem que estão sendo avaliados. Por isso, deve ser conduzida com ética. Precisamos nos lembrar sempre de que o aluno se expõe muito ao professor, ao manifestar suas capacidades e fragilidades e seus sentimentos. Cabe à avaliação ajudar o aluno a se desenvolver, a avançar, não devendo expô-lo a situações embaraçosas ou humilhantes. A avaliação serve para encorajar e não para desencorajar o aluno. Por isso, rótulos e apelidos que o desvalorizem ou humilhem não são aceitáveis. Gestos e olhares encorajadores por parte do professor ou professora são bem-vindos. Afinal de contas, a interação do professor com os alunos é constante e muito natural. Uma piscadinha de olho de forma acolhedora e amiga, indicando que o aluno está no caminho adequado, lhe dá ânimo (VILLAS BOAS, 2004).

A avaliação informal dá grande flexibilidade de julgamento ao professor, devendo ser praticada com responsabilidade. Um dos exemplos disso é o costumeiro "arredondamento de notas", que consiste em o professor aumentá-las ou diminuí-las segundo critérios por ele definidos e nem sempre explicitados. Além disso, esses critérios costumam ser diferentes para cada aluno. Esse arredondamento é feito com base na avaliação informal. Quando o arredondamento é feito para aumentar a nota, os argumentos usados costumam ser mais ou menos assim: o aluno é organizado, freqüente, bonzinho, faz os deveres de casa. Por outro lado, o arredondamento é feito, também, para diminuir a nota, usando-se justificativas do seguinte tipo: o aluno é desobediente, conversador, não faz as atividades, chega atrasado, é preguiçoso. São argumentos advindos da avaliação informal. É preciso deixar claro que a avaliação informal é muito importante e pode ser uma grande aliada do aluno e do professor, se for empregada adequadamente, isto é, para promover a aprendizagem do aluno. Um argumento a seu favor é que ela acontece em ambiente natural e revela situações nem sempre previstas, o que pode ser altamente positivo, se soubermos tirar proveito dela e se não a usarmos de forma punitiva. O professor atento, interessado na aprendizagem do seu aluno e investigador da realidade pedagógica procurará usar todas informações advindas da

Quais são as situações de avaliação informal em sua sala de aula? Como você reage quando seus alunos solicitam sua ajuda? De forma encorajadora ou desencorajadora? Quais são as evidências disso? Quais palavras, gestos e olhares você usa para dirigir-se a eles?

Quais das situações acima são mais usadas ou têm sido mais presenciadas por você? Por quê? Quais você não usa? Por quê?

informalidade para cruzá-las com os resultados da avaliação formal e, assim, compor a sua compreensão sobre o desenvolvimento de cada aluno.

A avaliação informal não é inteiramente planejada. O professor coloca-se à disposição dos alunos para auxiliá-los em seu trabalho, mas as reações que ocorrem são espontâneas e imprevisíveis. Muitas vezes ele é surpreendido com perguntas e pedidos de ajuda apresentados de formas as mais variadas, tendo em vista as diferenças dos alunos. A avaliação informal não é planejada no sentido de que não conta com instrumentos prévios para coleta de dados, como acontece com a formal. Contudo, o professor deve estar preparado para perceber tudo o que acontece e para fazer os registros. Esses dados, incorporados aos da avaliação formal, são úteis.

É preciso ter cautela com a avaliação informal: ela é uma faca de dois gumes, podendo servir a propósitos positivos e a negativos, dependendo da forma de interação do professor com os alunos. O uso da avaliação informal em benefício da aprendizagem do aluno se dá quando, por meio dela, ele recebe encorajamento. Isso pode acontecer quando o professor:

- dá ao aluno a orientação de que necessita, no exato momento da necessidade;
- manifesta paciência, respeito e carinho ao atender suas dúvidas;
- providencia os materiais necessários à aprendizagem;
- demonstra interesse pela aprendizagem de cada um;
- atende a todos com a mesma cortesia e interesse, sem demonstrar preferência;
- elogia o alcance dos objetivos da aprendizagem;
- não penaliza o aluno pelas aprendizagens **ainda** não adquiridas, mas, ao contrário, usa essas situações para lhe dar mais atenção, para que ele realmente aprenda;
- não usa rótulos nem apelidos que humilhem ou desprezem os alunos;
- não comenta em voz alta suas necessidades ou fragilidades;
- não faz comparações;
- não usa gestos nem olhares de desagrado com relação à aprendizagem (VILLAS BOAS, 2004).

O contato longo e duradouro do professor da educação infantil e dos anos iniciais da educação fundamental com seus alunos o conduz a um conhecimento amplo da criança e até mesmo de sua família. Esse professor trabalha com uma mesma turma de segunda à sexta-feira, durante todo o período escolar, exercendo ação intensiva sobre ela. Essa ação, se for impregnada de dependência e autoritarismo, oportuniza a emissão de comentários, rótulos, ameaças, repreensões e castigos. Nesse caso, a situação é agravada se a avaliação informal for pública, isto é, feita em voz alta, para todos os alunos ouvirem, e se focalizar a pessoa do aluno.

Em uma pesquisa por mim conduzida, observei o seguinte ritual pedagógico em turmas de 1a a 4a séries da educação funda-

mental. Como primeira atividade do dia, as professoras passavam de carteira em carteira (nesse primeiro momento do trabalho a sala de aula estava sempre com as carteiras em fileiras), para "verificar" em cada caderno se o aluno havia feito o dever de casa. O objetivo não era identificar o que cada criança já havia aprendido e o que ainda não havia aprendido, mas controlar o ato de "fazer o dever de casa". Os nomes daqueles que não haviam cumprido a tarefa eram anotados no quadro de giz e nesse momento eles já eram informados de que não teriam recreio; ficariam em sala fazendo os deveres de casa. No caderno de determinados alunos a professora escrevia um bilhete a ser entregue aos pais informando que seu filho só entraria na escola no dia seguinte acompanhado de um deles. Nessa primeira parte do trabalho do dia, que durava cerca de 30 minutos, aconteciam "broncas", ameaças e castigos. Assim começava o dia escolar. Logicamente, não começava bem. Já se instalava um clima desfavorável ao trabalho. Essa avaliação informal prosseguia durante toda a aula (VILLAS BOAS, 1993).

A avaliação informal precisa ser praticada com cuidado e seriedade.

Observando uma sala de aula de 1a série do ensino fundamental, na periferia de Campinas, Freitas (1995, p. 187) constatou que a "atividade de avaliação, freqüentemente, confunde-se com a aprendizagem propriamente dita, sendo quase impossível separá-las". Isso significa que a ação intensiva exercida pelo professor pode influenciar positiva ou negativamente a formação da auto-estima e do autoconceito pela criança. A avaliação formal (provas, ditados, exercícios diversos, produção de textos etc.) ocupa muito menos tempo do trabalho escolar do que a avaliação informal.

A avaliação informal ocorre mais freqüentemente partindo do professor em direção ao aluno. Mas os alunos avaliam os colegas, os professores e o trabalho pedagógico. O que acontece é o não-aproveitamento das suas apreciações e considerações, porque ainda existe o entendimento de que a avaliação serve para atribuir nota e para aprovar e reprovar os alunos.

Pesquisas têm encontrado a presença constante de comentários públicos de professores sobre a pessoa do aluno (VILLAS BOAS, 1993). Em muitas situações, avalia-se mais a pessoa do aluno do que sua aprendizagem. Emitem-se mais desencorajamentos do que encorajamentos. Na pesquisa sobre práticas avaliativas em turmas de 1a a 4a séries da educação fundamental, que conduzi (Villas Boas, 1993), constatei que, ao circularem pela sala enquanto os alunos trabalhavam, as professoras não se detinham junto daqueles que necessitavam de orientação. Pelo contrário, por meio de rótulos e repreensões, expunham, em voz alta, dificuldades e deficiências, criando-se, algumas vezes, situações constrangedoras. Alunos que chegavam atrasados às aulas, ao entrarem na sala, eram recebidos pelas professoras da 4a série (as mais rígidas) com comentários, às vezes, irônicos. Uma forma freqüente de ironia era chamar as meninas de "dona": "D. Criste, por que chegou atrasada?". Sendo o comentário público, toda a turma assistia à situação de constrangimento do aluno posto na berlinda. Nessas ocasiões, percebia-se

Inicie as atividades de cada dia criando ambiente apoiador ao seu trabalho e ao dos alunos: recebendo-os carinhosamente, interessando-se pelo que eles têm a dizer e valorizando as suas conquistas, mesmo que ainda não sejam as desejáveis. Palavras e gestos têm de ser acolhedores. Nada de julgamentos constrangedores. Os alunos, principalmente as crianças, se inspiram nos adultos para julgar-se e julgar uns aos outros. sociedades (a superestrutura). Fonte: HOUAISS.

que o aluno, ao entrar atrasado, apresentava o semblante tenso, pois já deveria esperar pela manifestação de desagrado da professora. Nessas condições, o trabalho escolar não pode ser interessante para o aluno. É um trabalho que não lhe pertence.

Observou-se, também, por meio da pesquisa já mencionada (VILLAS BOAS, 1993), a prática constante de se rotularem os alunos de preguiçosos. Crianças dessa faixa etária ainda estão formando o seu autoconceito e sua auto-estima; esse processo se dá por meio da imagem que seus professores e colegas fazem delas. Portanto, a avaliação informal pode contribuir para a formação do autoconceito positivo ou negativo. Os freqüentes comentários públicos do professor acerca de um aluno fazem com que os colegas passem a percebê-lo daquela forma e emitam as mesmas apreciações. Quantos apelidos, às vezes depreciativos, surgem na escola e permanecem por toda a vida!

A avaliação informal costuma extrapolar a sala de aula. Presenciei o uso de informações obtidas pela avaliação informal realizada em sala de aula em outros momentos e espaços escolares (Villas Boas, 1993). Professores, diretores, orientadores educacionais e coordenadores comentavam aspectos pessoais, familiares e de desempenho dos alunos em reuniões diversas e nos encontros informais na sala dos professores. As professoras de 1a a 4a séries avaliavam até as famílias dos seus alunos, tão intensa era sua atuação sobre eles. Além disso, a imagem que se formava de cada família era objeto de comentários nas reuniões e nos "horários de cafezinho". A imagem dos alunos feita pelos professores circula pela escola, podendo permanecer imutável enquanto eles ali estiverem.

Na pesquisa já mencionada (Villas Boas, 1993), percebi que a avaliação informal se exerceu mais duramente na 1a e na 4a séries, o que demonstra que a avaliação direciona a organização do trabalho pedagógico. A justificativa encontrada é a de que, na 1a série, as crianças estavam sendo introduzidas na cultura escolar (era grande a exigência de ordem e disciplina) e a 4a era a última série cursada naquela escola, que atendia alunos de 1a a 4a séries. No caso da 1a série, a avaliação mostrou-se um meio eficaz para adaptar os alunos às normas escolares, recheadas de relações de poder e subordinação. No caso da 4a, como os alunos seriam encaminhados a outro estabelecimento de ensino, de tamanho maior, de funcionamento mais complexo e iriam se submeter a outro esquema de trabalho, sob a coordenação de muitos professores, inclusive homens, a antiga escolinha talvez se sentisse no dever de "prepará-los bem" para enfrentar a nova vida e de apresentar "bom" resultado de seu trabalho.

Em algumas situações o professor interage tão intensamente com a criança que passa a avaliar também sua família. Sendo tão importante, essa avaliação exige cuidados: nem tudo o que o professor observa sobre o aluno pode ser comentado em voz alta e divulgado para outras pessoas. Portanto, é importante saber: a avaliação não pode expor a criança a situações constrangedoras. Avaliação tem de ser feita com ética: não se podem usar suas in-

formações para outro objetivo que não seja o de contribuir para a aprendizagem do aluno. Suas fragilidades não devem ser relatadas publicamente. Avalia-se a aprendizagem do aluno e não as suas características pessoais.

Responda: com base no que discutimos até agora, pense sobre como vêm se desenvolvendo a avaliação informal e a formal em sua sala de aula. Em que momentos a avaliação informal acontece? De que maneiras? Em que momentos acontece a avaliação formal? Por meio de quais procedimentos? Qual modalidade de avaliação está mais presente: a formal ou a informal? A qual delas você dá mais importância? Por quê? Durante uma semana registre, diariamente, a ocorrência da avaliação informal e da formal em sua sala de aula, marcando a duração de cada ocorrência, sempre que possível.

Tanto a avaliação formal quanto a informal são importantes, devendo ser empregadas no momento certo e de maneira adequada. Precisamos avançar nosso entendimento sobre cada uma delas, a forma de desenvolvê-las, assim como precisamos saber articular os resultados obtidos por ambas. A relevância da utilização das duas está no fato de que o aluno demonstra sua aprendizagem em forma de diversas linguagens: escrita, oral, gráfica, estética, corporal etc. A avaliação formal é insuficiente para abranger todos os estilos de aprendizagem. A informal pode complementá-la.

Para que serve a avaliação?

A avaliação existe para que se conheça o que o aluno aprendeu e o que ele **ainda** não aprendeu para que se providenciem os meios para que ele aprenda o necessário para a continuidade dos estudos. Cada aluno tem o direito de aprender e de continuar seus estudos. A avaliação é vista, então, como uma grande aliada do aluno e do professor. Não se avalia para atribuir nota, conceito ou menção. Avalia-se para promover a aprendizagem do aluno. Enquanto o trabalho se desenvolve, a avaliação também é feita. Aprendizagem e avaliação andam de mãos dadas, pois a avaliação sempre ajuda a aprendizagem (VILLAS BOAS, 2004).

Avalia-se, também, para saber como foi desenvolvido o trabalho pedagógico de toda a escola e o da sala de aula. Avaliam-se as atividades organizadas pela escola, como conselhos de classe, reuniões com pais, reuniões com professores, atividades esportivas, feiras, exposições, jornal escolar, festas e outras.

Avalia-se a atuação dos professores e dos demais educadores que trabalham na escola. Todos são avaliados e todos avaliam. Cria-se, assim, a cultura avaliativa da escola, baseada na parceria, no respeito mútuo, na responsabilidade, na seriedade e no rigor.

Essa avaliação que promove a aprendizagem do aluno e do professor e o desenvolvimento da escola é denominada de formativa, em oposição à avaliação tradicional, que visa à aprovação e à reprovação, à atribuição de notas, e que se vale quase exclusivamente da prova.

Para que você tem praticado a avaliação?

Avaliação formativa

Segundo Allal (1986, p. 176), a expressão "avaliação formativa"

foi introduzida por Scriven em 1967, em um artigo sobre a avaliação dos meios de ensino (currículo, manuais, métodos etc.). Nesse contexto, "os processos de avaliação formativa são concebidos para permitirem ajustamentos sucessivos durante o desenvolvimento e a experimentação de um novo currículo, manual ou método de ensino". Posteriormente, Bloom (apud Allal, 1986) e seus seguidores aplicaram a avaliação formativa à avaliação dos alunos, com o objetivo de orientá-los para a realização do seu trabalho, ajudando-os a localizar as suas dificuldades e a progredir em sua aprendizagem. É diferente da avaliação somativa, que constitui "um balanço parcial ou total de um conjunto de aprendizagens" (CARDINET, 1986, p. 14). Distingue-se da avaliação diagnóstica por apresentar "conotação menos patológica, não considerando o aluno como um caso a tratar; considera os erros como normais e característicos de um determinado nível de desenvolvimento na aprendizagem" (CARDINET, 1986, p. 14). A avaliação formativa requer profunda mudança de atitude, adverte o mesmo autor: "o erro do aluno não mais é considerado como uma falta passível de repreensão, mas como uma fonte de informação essencial, cuja manifestação é importante favorecer" (CARDINET, 1986, p. 21).

Harlen e James (1997, p. 366) apontam as características da avaliação formativa:

- é conduzida pelo professor (esta é a principal);
- destina-se a promover a aprendizagem;
- leva em conta o progresso individual, o esforço nele colocado e outros aspectos não especificados no currículo; em outras palavras, não é inteiramente baseada em critérios;
- na avaliação formativa, capacidades e idéias que, na avaliação somativa, poderiam ser classificadas como "erros" fornecem informações diagnósticas;
- os alunos exercem papel central, devendo atuar ativamente em sua própria aprendizagem; eles progredirão se compreenderem suas possibilidades e fragilidades e souberem como se relacionar com elas.

Esses autores (Harlen; James, 1997) afirmam ainda, que, diferentemente da avaliação somativa, que pode referir-se tanto à norma quanto a critério , a formativa leva sempre em conta em que ponto o aluno se encontra em seu processo de aprendizagem, em termos de conteúdos e habilidades. Por definição, acrescentam, é baseada em critérios e, ao mesmo tempo, toma como referência o aluno. Isso significa que a análise do seu progresso considera aspectos tais como: o esforço despendido, o contexto particular do seu trabalho e o progresso alcançado ao longo do tempo. Conseqüentemente, o julgamento da sua produção e o "feedback" que lhe será oferecido levarão em conta o aluno e não apenas os critérios de avaliação. As circunstâncias individuais devem ser observadas se a avaliação pretende contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem e para o encorajamento do aluno. A avaliação formativa seria desencorajadora para muitos alunos que enfrentam fracasso se fosse baseada exclusivamente em critérios. A combinação da avaliação baseada em critérios com a consideração das condições do aluno fornece informações importantes e é consistente com a idéia de que a avaliação formativa é parte essencial do trabalho peda-

Feedback são as orientações que o professor dá ao aluno após analisar suas produções, para que haja avanço em suas aprendizagens.

gógico. A identificação das necessidades que os alunos possam ter pode ser feita somente por meio dessa combinação de informações (VILLAS BOAS, 2004).

As considerações de Harlen e James nos permitem concluir que a diferença fundamental entre a avaliação somativa e a formativa não é o momento da sua realização, mas os propósitos de cada uma. Com freqüência ouve-se alguém dizer que a avaliação somativa desenvolve-se ao final do processo e a formativa, durante o processo. Acontece que as duas podem realizar-se em um ou outro momento. Os seus objetivos é que são diferentes.

Outro estudioso da avaliação formativa nos ajuda a compreendê-la. Trata-se de Stiggins (1999), que admite a necessidade de se estabelecer conexão entre a avaliação e o sucesso escolar do aluno. Sua contribuição é importante porque já vimos que a avaliação formativa é a que promove a aprendizagem do aluno, do professor e o desenvolvimento da escola. Nessa linha de entendimento, torna-se necessário que os alunos:

- envolvam-se na avaliação escolar;
- envolvam-se no registro dos resultados;
- envolvam-se no processo de comunicação.

Quanto ao envolvimento dos alunos na avaliação, abre-se a oportunidade de eles se tornarem parceiros dessa importante atividade. Com o cuidadoso acompanhamento dos professores, eles são convidados a participar da definição dos critérios de avaliação do seu trabalho e a aplicá-los. Isso lhes possibilita compreender onde estão em termos de aprendizagem e o que deles é esperado. Esse envolvimento é feito considerando-se a idade e o nível de desenvolvimento dos alunos. Desde pequenos eles podem e devem começar a participar das atividades avaliativas, criando-se, assim, a cultura da avaliação desvinculada de nota e de promoção/reprovação e articulada à idéia de que todos são capazes de aprender.

Os alunos são envolvidos no processo de avaliação para que conheçam a visão dos professores sobre o que representa o sucesso escolar. Assim se constrói a confiança e a segurança. Em uma situação de pesquisa em uma escola de educação fundamental, ouvi um grupinho de alunos de 5a série comentando que no dia seguinte não haveria aula porque os professores estariam em reunião de conselho de classe. Um deles disse: "o que será que eles vão 'falar' de nós?". Essa preocupação demonstra como os alunos, de modo geral, não conhecem todo o processo avaliativo. E logo eles que são o centro do trabalho escolar! Pelo menos é o que nós, professores, afirmamos.

O envolvimento dos alunos no registro dos resultados lhes dá a oportunidade de acompanhar o seu desempenho por meio da auto-avaliação contínua. O que se pretende é usar esse envolvimento como um espelho em que eles vejam o seu crescimento. Isso pode ser um poderoso meio de construir autoconfiança. Alguns professores poderão indagar: essa não é tarefa do professor? Isso não significa "facilitar" demais as coisas para o aluno? Segundo a concepção tradicional de avaliação, sim, porque ela tem como objetivo dar nota e simplesmente aprovar ou reprovar o aluno. Por

Que critérios você utiliza para avaliar as aprendizagens dos seus alunos? Quais foram construídos juntamente com eles? Se você ainda não desenvolveu essa prática com eles, como poderá iniciá-la? Inicie com poucos critérios, dois ou três, para que você e eles ganhem segurança.

outro lado, a avaliação formativa quer a aprendizagem do aluno em todos os sentidos, inclusive o da formação do cidadão para ter inserção social crítica. Vale ressaltar: essa compreensão não retira a responsabilidade do professor, nem a seriedade e o rigor da avaliação. Pelo contrário: o aluno passa a ser co-responsável pela organização, desenvolvimento e avaliação do trabalho. Os professores é que poderão questionar a grande responsabilidade que lhes é atribuída, devendo reivindicar condições adequadas de trabalho para que possam enfrentar uma avaliação até da sua atuação. Por isso é que se diz que a avaliação formativa visa à aprendizagem do aluno e do professor e ao desenvolvimento da escola (VILLAS BOAS, 2004).

O envolvimento no processo de comunicação permite que os alunos partilhem informações com outros acerca do seu progresso. Uma das formas de se chegar a isso é a promoção de encontros entre pais e alunos em que eles descrevam o que vêm fazendo, em termos do que já alcançaram e o que ainda falta alcançar. Isso lhes dá a chance de assumirem responsabilidade pelo seu sucesso e de se motivarem para o desenvolvimento de um trabalho mais produtivo. Pense em outras maneiras de envolver os alunos na comunicação do seu progresso.

Resumindo: avaliação formativa é a que promove o desenvolvimento não só do aluno, mas, também, do professor e da escola. Admitindo-se que a escola realiza trabalho pedagógico e não simplesmente processo ensino-aprendizagem, em que apenas o professor ensina e apenas o aluno aprende, torna-se fácil compreender a necessidade de ampliação do conceito de avaliação formativa, estendendo-a a todos os sujeitos envolvidos e a todas as dimensões do trabalho. Segundo essa perspectiva, abandona-se a avaliação unilateral (pela qual somente o aluno é avaliado e apenas pelo professor), classificatória, punitiva e excludente, porque a avaliação pretendida compromete-se com aprendizagem e o sucesso de todos os alunos. Para que isso aconteça, é necessário que todos os educadores que atuam na escola se desenvolvam profissionalmente. O sucesso do seu trabalho conduz ao sucesso do aluno. Toda a escola participa desse ambiente de aprendizagem e desenvolvimento. Portanto, todas as dimensões do trabalho escolar são avaliadas, para que se identifiquem os aspectos que necessitam de melhoria (VILLAS BOAS, 2001).

Estudiosos brasileiros têm defendido a substituição do paradigma tradicional da avaliação (voltada apenas para a aprovação e reprovação) pelo paradigma que busca a avaliação mediadora, emancipatória, dialógica, integradora, democrática, participativa, cidadã etc. Todas estas designações fazem parte do que se entende por avaliação formativa. Esse é mais um argumento a favor de a avaliação formativa ter como foco não apenas o aluno, mas, também, o professor e a escola. Esses adjetivos indicam que o seu campo de atuação é mais amplo do que tem sido considerado. O significado dessas palavras demonstra o caráter abrangente da avaliação (VILLAS BOAS, 2001).

A avaliação formativa é a que usa todas as informações disponíveis sobre o aluno para assegurar a sua aprendizagem. A interação professor/aluno durante todo um período ou curso é um processo muito rico, oferecendo oportunidade para que se obtenham vários

Como você registra os resultados da avaliação da aprendizagem dos alunos? Que participação eles têm tido nesse registro? Caso ainda não tenha envolvido os alunos nesse processo, planeje o início dessa atividade e registre seus benefícios.

Você deve ter observado que a palavra "ainda" tem sido usada com freqüência neste módulo. Isso é proposital. A intenção da avaliação formativa é constatar o que o aluno aprendeu e o que ele ainda não aprendeu, para que se providenciem os meios para que aprenda. A expectativa é a de que todos os alunos aprendam. Daí a insistência na palavra "ainda", que passa a ter um sentido mágico para nós.

dados. Cabe ao professor estar atento para identificá-los, registrá-los e usá-los em benefício da aprendizagem. Portanto, a utilização exclusiva de provas escritas para decidir a trajetória de estudos do aluno deixa de considerar os diferentes estilos e manifestações de aprendizagem. A prova é um instrumento que pode ser útil quando seus resultados são associados aos de outros procedimentos.

Avaliação formativa e participação

Abandonar a lógica da avaliação classificatória, que seleciona e exclui, e construir o processo de avaliação formativa exige a reconsideração de práticas já consagradas. Uma delas refere-se ao entendimento de participação, que tem sido um dos critérios de avaliação mais utilizados. A participação costuma incluir-se na avaliação informal, modalidade que ocupa grande parte do trabalho pedagógico da educação infantil e dos anos iniciais da educação fundamental, como já foi mencionado. Mas, o que se entende por participação na escola? Falar, simplesmente? Oferecer-se para desenvolver atividades? Levantar a mão para dar respostas e atender ao que o professor solicita? Fazer perguntas? Antecipar algumas respostas? Esse entendimento não está claro, em termos de avaliação. Parece que a forma de sua aplicação tem favorecido alguns alunos e prejudicado outros.

A participação em sala de aula tem sido relacionada à fala pública. Segundo Sayão (2006), isso é "um problema para muitos alunos, notadamente para os que se sentem embaraçados porque se identificam como tímidos e para aqueles que têm medo de errar publicamente. Já para os alunos extrovertidos, que têm traquejo no trato com os colegas e gostam de exibir seus conhecimentos, isso é um prato cheio".

É preciso considerar que os alunos têm formas diferentes de participar. Fazer parte do grupo de alunos, isto é, da turma, já é uma forma de participação. Isso pode acontecer em silêncio. Ouvir e observar, segundo Sayão, são, também, maneiras de participar. Quando uma criança olha colegas brincando ou realizando determinada atividade, ela participa da brincadeira a distância e em silêncio. Pode até tirar suas conclusões. Quando um aluno não faz perguntas ou não se manifesta, isso não quer dizer que não esteja acompanhando o que está sendo feito. Por outro lado, muitos alunos que falam em todas as oportunidades nem sempre praticam a verdadeira participação. Nem sempre falam sobre os aspectos principais. Às vezes falam para desviar a atenção do professor e dos colegas ou até para chamar a atenção sobre si. Quanto ao aluno que não participa por medo de errar, a escola deve reconhecer que é responsável por esse comportamento, conclui Sayão (2006). Afinal, ela tem valorizado o acerto e reprovado o erro no processo de aprendizagem.

Você poderá ler: VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico. 1. ed. Campinas: Papirus, 2004.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. Avaliação formativa: em busca do desenvolvimento do aluno, do professor e da escola. In: VEIGA, Ilma P. A.; FONSECA, Marília (Org.). As dimensões do projeto político-pedagógico: novos desafios para a escola. Campinas: Papirus, 2001.

Quais práticas ou procedimentos de avaliação formativa você usa em sua sala de aula?

Quais são as práticas ou procedimentos de avaliação formativa usados em sua escola?

Que outras práticas ou procedimentos de avaliação formativa precisam ser incorporados ao trabalho de sua sala de aula e da sua escola? Por quê?

Quais procedimentos de avaliação formal e de avaliação informal você utiliza com seus alunos?

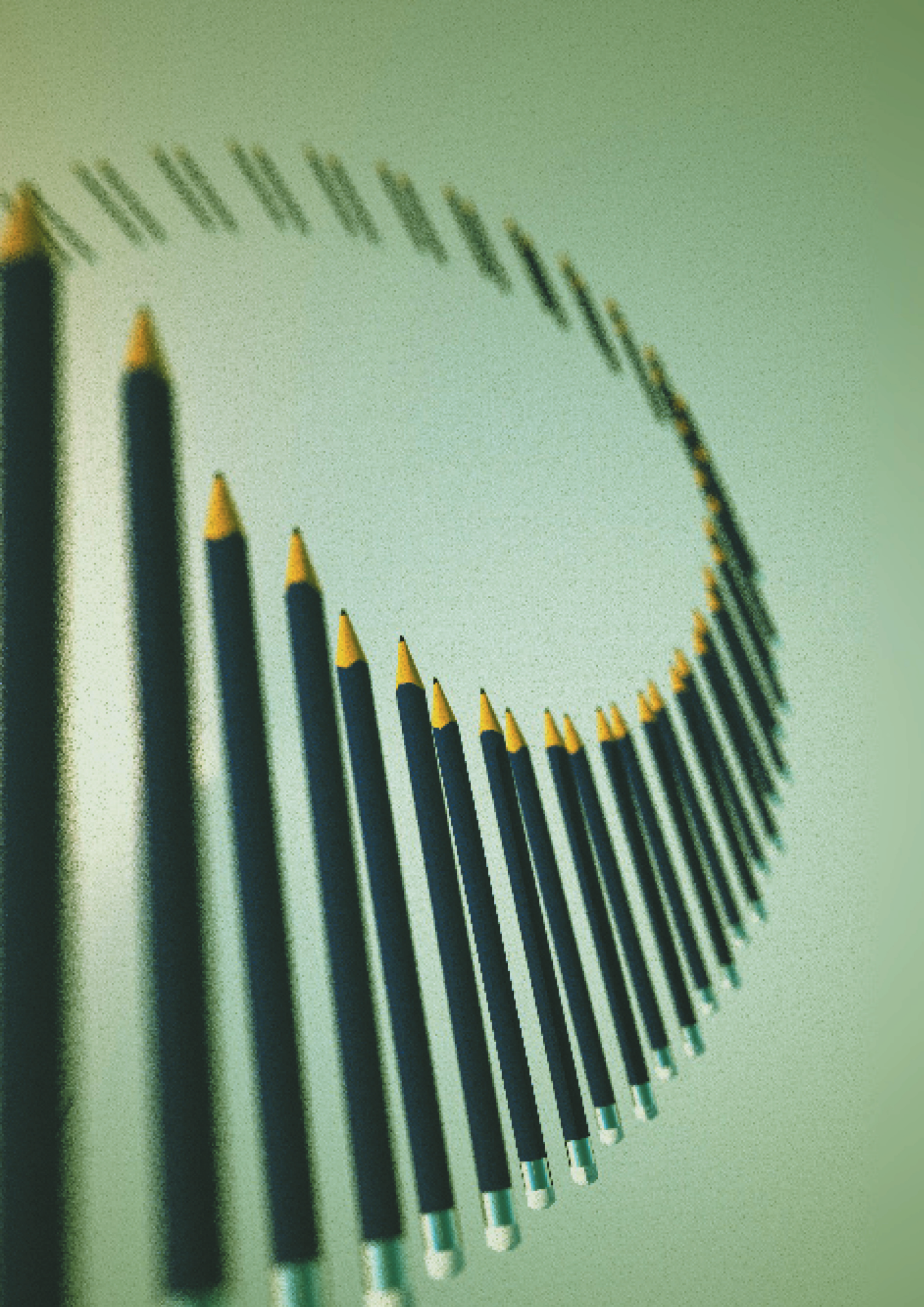
Para que serve a avaliação formal e a avaliação informal?

Como você combina os resultados da avaliação formal aos resultados da avaliação informal?

Quais as possibilidades e as fragilidades da avaliação formal e da avaliação informal?

Cabe à escola que adota a avaliação formativa levar em conta as diferenças pessoais de seus alunos, criando recursos que permitam aos tímidos comunicar suas aprendizagens.

Pense em seus alunos. Todos eles se envolvem nas atividades escolares? Você usa a participação como um dos critérios de avaliação? Por quê? O que você entende por participação em sala de aula? Como você encoraja os alunos a participar das atividades escolares? Você dá nota pela participação do aluno? Por quê?



2 Processo avaliativo: planejamento e procedimentos de avaliação (portfolios, provas e avaliação por colegas)

Objetivos:
- Descrever o processo avaliativo desenvolvido em sua escola e em sua sala de aula.
- Descrever os propósitos, as características e as possibilidades de uso de portfólios, provas e avaliação por colegas, em sua área de atuação.

Planejamento do processo avaliativo

Desenvolver a avaliação formativa requer planejamento. O ato de planejar não tem sido um hábito, devido à concepção de avaliação tradicional que tem prevalecido: elaboram-se e aplicam-se provas, cujos itens já estão prontos desde anos anteriores. Há professores que mantêm banco de questões, para que escolham as que vão incluir em futuras provas. Nesse caso, eles pensam em ter o seu trabalho facilitado, não levando em conta, em primeiro lugar, a aprendizagem do aluno. Aplicadas as provas, elas são corrigidas e os seus resultados apresentados aos alunos. Há escolas que não devolvem as provas aos alunos, porque usam os seus itens em instrumentos aplicados em outros momentos, para outros grupos. Esse procedimento torna a avaliação mecânica e desapropria o aluno do seu trabalho. O que ele faz é para o professor e não para ele. Em algumas situações são oferecidas ao aluno chances de aprender o que ele demonstrou, nas provas, ainda não ter aprendido. Também nesse caso o planejamento não costuma ser feito, porque os procedimentos geralmente estão prontos e servem para qualquer situação. Não se levam em conta os diferentes contextos escolares e sociais, nem a formação do aluno para a sua inserção social crítica. Isso revela que avaliar significa aplicar provas. Como avaliação é aprendizagem, para alunos e professores, essa prática vem se perpetuando há um bom tempo.

Planejar a avaliação significa pensar sobre algumas questões. Inicia-se perguntando: por que estou avaliando? Uma das respostas pode ser: porque a avaliação me auxilia a compreender o processo de aprendizagem dos alunos. Outra pode ser: porque é uma exigência da escola onde trabalho. A decisão por uma das respostas revela o entendimento do professor sobre a avaliação. Ao dizer que a avaliação auxilia a compreender o processo de aprendizagem dos alunos, o professor demonstra entender que a avaliação tem o compromisso de contribuir para a sua aprendizagem. Outra questão obrigatoriamente presente no planejamento da avaliação é: para que eu avalio? Uma das respostas pode ser: para conhecer o que cada um dos meus alunos já aprendeu de modo que eu possa reorganizar as atividades e para que ele aprenda o que ainda não aprendeu. Mas alguém poderá afirmar: para dar nota e saber se ele pode ser aprovado. A opção por uma dessas respostas também demonstra o entendimento do professor sobre avaliação. Ao afirmar que avalia para conhecer o que cada um dos seus alunos já aprendeu de modo que ele possa reorganizar as atividades para que os alunos aprendam o que ainda não aprenderam, o professor entende que a avaliação tem compromisso com a aprendizagem. Além de se perguntar por que e para que avalia, que são as questões que dão início ao processo de planejamento, o professor faz outras, que decorrem das duas primeiras: como avalio? Quem é avaliado? Quem avalia? Para que servem os resultados da avaliação? Como a avaliação está presente durante o trabalho com os alunos, o seu planejamento é um processo contínuo. Além disso, ele certamente será mais rico se envolver os alunos. Participar do processo da avaliação da sua aprendizagem constitui uma aprendizagem relevante

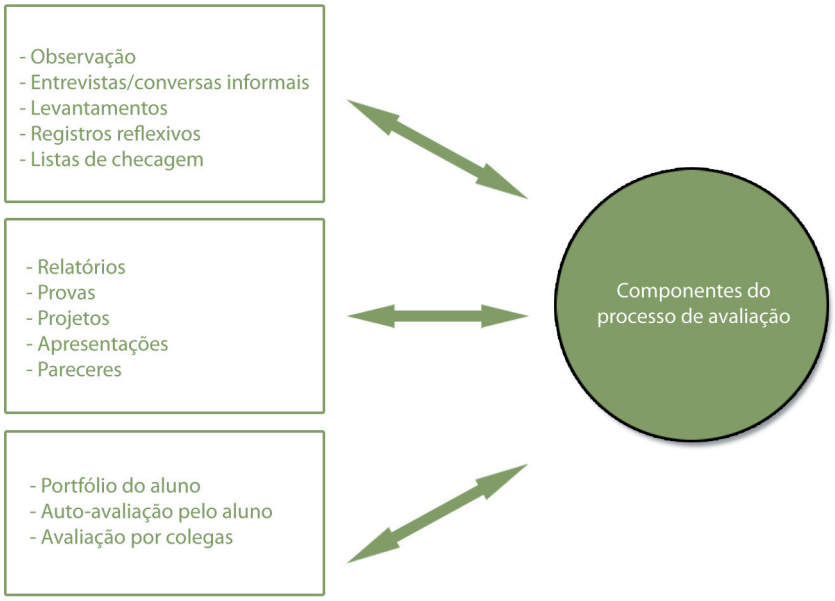
para as crianças porque elas estão desenvolvendo relações sociais. Essas relações podem contribuir para a formação da cidadania crítica ou não. A avaliação pode ser uma forte aliada dessa formação. A participação do aluno no processo de planejamento da avaliação pode ser muito simples a princípio e, gradativamente, ser aprimorado. Conversas informais podem auxiliar nesse processo. Respostas das crianças a perguntas do professor também podem trazer contribuições que ajudam na reorganização das atividades. A partir dos comentários das crianças, o plano de avaliação pode ser construído. Isso mesmo: agora estou falando em "plano" de avaliação, que resulta do processo; este é permanente e envolve não só professores, mas os outros profissionais da educação que trabalham na escola, alunos e pais. De posse das informações coletadas, o professor elabora o plano, que é uma atividade quase inteiramente sua em termos de sistematização de idéias.

Todas as atividades são avaliadas pelo professor e pelas crianças como, por exemplo, um passeio ao zoológico, a realização de uma feira de ciências, o desenvolvimento de um projeto de trabalho, a produção de um texto e de um jornal, trabalhos em equipe e muitas outras. Certamente as crianças terão muitas idéias e gostarão de participar desse processo. Além das vantagens para a avaliação, esse envolvimento dos alunos traz outras contribuições: desenvolve-se trabalho em equipe e a criticidade; aumenta-se a auto-estima dos alunos etc. Esse processo exige planejamento. O professor incentiva a participação dos alunos, sem esquecer a parte que lhe compete. Ele é autoridade, como nos ensinam Freire e Shor (1986), sem precisar empregar autoritarismo.

Procedimentos de avaliação

Faz parte do planejamento da avaliação a seleção dos procedimentos mais apropriados a cada turma ou grupo de alunos. Procedimentos são os meios que nos permitem coletar informações para realizar a avaliação. Todos eles compõem o que chamamos de processo avaliativo. Não se pode dizer que uma prova isoladamente constitui a avaliação. Relatórios, questionários e outras atividades dos alunos também não são a avaliação. Tudo isso nos fornece meios para que se faça a avaliação. Cada procedimento cumpre objetivos próprios. Alguns requerem atividades ou respostas mais detalhadas e outros, atividades ou respostas mais concisas. Alguns solicitam atividades ou respostas simples e outros, atividades ou respostas que exigem análise, justificativa ou síntese. Alguns querem atividades ou respostas pontuais, outros, o desenvolvimento de idéias de forma mais livre. Daí a necessidade de usarmos procedimentos variados, que evidenciem as aprendizagens do aluno.

A figura a seguir apresenta alguns dos procedimentos de avaliação. Você poderá acrescentar outros. Analise-os e compare-os com os que você tem utilizado. Quais deles você já utiliza? Quais deles você ainda não utiliza? Por quê?



A avaliação integra o processo de aprendizagem. Um depende do outro. Pode-se até afirmar que avaliação é aprendizagem, como já foi analisado. A vivência do processo avaliativo é uma aprendizagem para toda a vida.

Nesta seção serão apresentados os seguintes procedimentos: portfólios, provas e avaliação por colegas.

Um procedimento não é mais importante que outro. O professor, conhecedor de cada contexto, é quem definirá o grau de importância de cada um, se for o caso. Cada um deles cumpre papel significativo.

Avaliação por meio de portfólios

"Cada porfólio é uma criação única porque o aluno seleciona as evidências de aprendizagem e inclui reflexões sobre o processo desenvolvido" (BARTON; COLLINS, 1997, p. 3).

O portfólio é um dos procedimentos de avaliação condizentes com a avaliação formativa. Porta-fólio ou portfólio, segundo o Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa, 1999, 3a edição, é uma pasta de cartão usada para guardar papéis, desenhos, estampas etc. Já o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2001, 1a edição, traz também as duas formas: porta-fólio e portfolio, esta última sem o acento agudo. O significado do portfólio oferecido por este último é o de "conjunto ou coleção daquilo que está ou pode ser guardado num porta-fólio (fotografias, gravuras etc.)" e "conjunto de trabalhos de um artista (designer, desenhista, cartunista, fotógrafo etc.) ou de fotos de autor ou modelo, usadas para divulgação entre clientes prospectivos, editores etc."; porta-fólio (cartão) "contendo material publicitário (sugestões de leiautes, artes-finais, provas etc.) que se leva a um cliente para aprovação".

Neste módulo, será usada a palavra portfólio por ser a mais conhecida.

Originariamente, o portfólio é uma pasta grande e fina em que os artistas e os fotógrafos iniciantes colocam amostras de suas produções, as quais apresentam a qualidade e a abrangência do seu trabalho, de modo a ser apreciado por especialistas e professores. Essa rica fonte de informação permite aos críticos e aos próprios artistas iniciantes compreender o processo em desenvolvimento e oferecer sugestões que encorajem sua continuidade. Em educa-

ção, o portfólio apresenta várias possibilidades; uma delas é a sua construção pelo aluno. Nesse caso, o portfólio é uma coleção de suas produções, as quais apresentam as evidências da sua aprendizagem. É organizado por ele próprio para que ele e o professor, em conjunto, possam acompanhar o seu progresso (VILLAS BOAS, 2004). O portfólio é um procedimento de avaliação que permite aos alunos participar da formulação dos objetivos da sua aprendizagem e avaliar o seu progresso. Eles são, portanto, participantes ativos da avaliação, selecionando as melhores amostras do seu trabalho para incluí-las no portfólio.

Arter e Spandel (1992, p. 36) entendem o portfólio como:

> *uma coleção proposital do trabalho do aluno que conta a história dos seus esforços, progresso ou desempenho em uma determinada área. Essa coleção deve incluir a participação do aluno na seleção do conteúdo do portfólio; as linhas básicas para a seleção; os critérios para julgamento do mérito; e evidência de auto-reflexão pelo aluno.*

Este entendimento inclui três idéias básicas: a avaliação é um processo em desenvolvimento; os alunos são participantes ativos desse processo porque aprendem a identificar e revelar o que sabem e o que ainda não sabem; a reflexão pelo aluno sobre a sua aprendizagem é parte importante do processo.

Easley e Mitchell (2003, p. 21) concordam com o entendimento acima e acrescentam:

> *Muitas pessoas possuem "coleção" de seus trabalhos. Enquanto alguns chamam isso de portfólio, não é o que assim entendemos. Um portfólio é uma coleção especial dos melhores trabalhos organizada pelos próprios alunos. Eles participam ativamente de todo o processo, construindo o portfólio, identificando os critérios de aprendizagem e selecionando as peças do seu trabalho que demonstram como os critérios foram alcançados. Além disso, a reflexão sobre o seu trabalho e sobre os critérios permite aos alunos formarem novos objetivos de aprendizagem. Assim é que os portfólios fazem sentido.*

Easley e Mitchell (2003, p. 33) distinguem portfólio de arquivo de trabalhos:

> *Um arquivo e um portfólio não são a mesma coisa, embora ambos contenham peças de trabalho de alunos. Um arquivo é simplesmente uma coleção de trabalhos dos alunos. Em contraste, o portfólio é uma seleção refinada de trabalhos do aluno [...]. Um portfólio não é apenas um arquivo, mas é parte de um processo de avaliação que ensina os alunos a avaliarem e apresentarem seus próprios trabalhos.*
> *"Portfólios permitem ao professor entender o trabalho do aluno de forma contextualizada" (BARTON; COLLINS, 1997, p. 9).*

Veja bem! Percebe-se, então, que o portfólio é mais do que uma coleção de trabalhos do aluno. Não é uma pasta onde se arquivam textos. A seleção dos trabalhos a serem incluídos é feita por meio de auto-avaliação crítica e cuidadosa que envolve o julgamento da qualidade da produção e das estratégias de aprendizagem utilizadas. A compreensão individual do que constitui qualidade em um determinado contexto e dos processos de aprendizagem envolvidos é desenvolvida pelos alunos desde o início das suas experiências escolares. Essa compreensão pode ser facilitada pela interação com colegas e professores e pela reflexão em vários momentos: de trabalho individual e em equipe, durante a apresentação dos portfólios pelos colegas e por meio do confronto da produção com os objetivos e descritores de avaliação. O próprio exercício da reflexão indica ao aluno as formas de entendimento dessa questão.

O uso do portfólio apresenta diversas vantagens. Em primeiro lugar, ele beneficia qualquer tipo de aluno: o desinibido, o tímido, o mais e o menos esforçado, o que gosta de trabalhar em grupo e o que não gosta, o mais e o menos motivado ou interessado pelo trabalho escolar, o que gosta de escrever e até o que não gosta porque ele pode passar a gostar, assim como pode apresentar suas produções usando outras linguagens. Desenvolvido dessa maneira, o portfólio permite ao aluno acompanhar o desenvolvimento do seu trabalho, de modo a conhecer suas potencialidades e aspectos que precisam ser melhorados. O esforço despendido pelo aluno é valorizado e reconhecido. Notas, conceitos e menções, se existirem, passam a ocupar lugar secundário e, com o tempo, podem até ser abolidos. Os alunos que, na sistemática tradicional de avaliação, costumam ser encaminhados à "recuperação de estudos" passam a perceber suas fragilidades e se encorajam para realizar atividades que promovam sua aprendizagem. O grande lance é este: o aluno não estuda para "passar de ano", mas para aprender. Assim, todos são encorajados para desenvolver seu trabalho.

Em segundo lugar, os alunos declaram sua identidade, isto é, se mostram não apenas como alunos, mas como sujeitos dispostos a aprender. Sua história de vida e suas experiências são conhecidas e valorizadas. Ninguém tem motivo para se esconder, se retrair. O trabalho de todos é encorajado e orientado para o alcance dos objetivos propostos, que são do conhecimento de todos. O trabalho com portfólio traz à tona situações interessantes. Orientei uma aluna do curso de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília cujo tema de dissertação eram os registros de avaliação feitos por professores dos anos iniciais da educação fundamental. Como atividade da disciplina Organização do Trabalho Pedagógico, por mim oferecida, essa aluna construiu o seu portfólio, em que desenvolveu análises preliminares sobre o seu objeto de investigação. Ela descreveu, em seu memorial de abertura do portfólio, que suas reflexões a fizeram perceber como os registros sempre estiveram presentes em sua vida desde cedo porque sua mãe somente conseguiu registrá-la em cartório quatro anos depois do seu nascimento, como filha natural. Será que o seu interesse por pesquisar registros não adveio dessa situação?

Em terceiro lugar, as atividades escolares levam em conta as experiências vividas pelo aluno fora dela, dando sentido à sua aprendizagem. É a escola conectada às práticas sociais.

Em quarto lugar, o aluno percebe que o trabalho escolar lhe pertence; portanto, cabe-lhe assumir responsabilidade pela sua execução. Ele não está fazendo algo para agradar seus pais e professores, mas em seu próprio benefício. O trabalho escolar passa a ser prazeroso.

Em quinto lugar, como o portfólio motiva a aluno a buscar formas diferentes de aprender, as suas produções revelam suas capacidades e potencialidades, as quais poderão ser apreciadas por várias pessoas. Amplia-se, assim, a concepção de avaliação, que deixa de ter a função de "verificar" a aprendizagem para incorporar a de possibilitar ao aluno e até mesmo incentivá-lo a mostrar seu

progresso e prepará-lo para comunicar o que aprendeu e a defender suas posições.

Em sexto lugar, o portfólio pode fornecer evidências mais amplas de êxitos do aluno do que a avaliação tradicional. Representa um motivo de orgulho para o aluno; pode ser um meio valioso de comunicação dos êxitos e das atividades de aprendizagem aos pais. É um procedimento valioso de avaliação formativa, fornecendo base para o diálogo entre alunos, os professores e os pais. Estudiosos do assunto consideram que o seu valor principal não é propriamente o seu produto, isto é, o trabalho que dele resulta, mas, sim, o processo por ele desencadeado.

Você poderá estar pensando: por que e para que o portfólio?

A construção do portfólio torna-se uma atividade agradável para o aluno. Em lugar de ter suas produções isoladas umas das outras e apresentadas ao professor quando ele assim o determina, para serem "corrigidas" e devolvidas ou não quando ele quiser, o aluno conserva uma coleção organizada de suas atividades, de modo que possa perceber sua trajetória, assim como suas necessidades iniciais e como as satisfez ao longo do período de trabalho.

Barton e Collins (1997) apontam sete características essenciais para o desenvolvimento de portfólios. Em primeiro lugar, eles incluem múltiplos recursos, porque permitem avaliar variedade de evidências. Em segundo lugar, são autênticos, porque as produções dos alunos se articulam ao trabalho em desenvolvimento. Em terceiro lugar, o portfólio é uma forma dinâmica de avaliação pelo fato de constatar o desenvolvimento e as mudanças dos alunos ao longo do tempo. A quarta característica é a explicitação dos seus propósitos. Antes de a construção do portfólio ter início, os alunos conhecem o que se espera deles. Esta conduz à quinta característica – integração. Isso significa que as evidências de aprendizagem selecionadas estabelecem correspondência entre as atividades escolares e as experiências de vida. O pertencimento do trabalho ao aluno é a sexta característica. Nesse sentido, cada portfólio é uma criação única porque o próprio aluno escolhe as produções que incluirá e insere reflexões sobre o desenvolvimento da sua aprendizagem. A sétima característica é a natureza multiproposital do portfólio. O professor pode avaliar o trabalho pedagógico que coordena usando as mesmas evidências para avaliar a aprendizagem dos alunos. O portfólio pode ser útil como procedimento de avaliação não apenas de uma disciplina ou de um curso. Ele cria elo instrucional importante entre séries, anos, disciplinas e temas quando é desenvolvido em parceria com outros professores.

Princípios norteadores do trabalho com portfólio

> "A auto-avaliação, a reflexão e a oportunidade de o aluno revelar o processo pelo qual o trabalho é expresso no portfólio constituem a centralidade do portfólio" (KLENOWSKI, 2003, p. 3).

O portfólio serve para vincular a avaliação ao trabalho pedagógico em que o aluno participa da tomada de decisões, de modo que ele formule suas próprias idéias, faça escolhas e não apenas cumpra prescrições do professor e da escola. Nesse contexto a avaliação se compromete com a aprendizagem de cada aluno e deixa

de ser classificatória e unilateral. O portfólio é uma das possibilidades de criação da prática avaliativa comprometida com a formação do cidadão capaz de pensar e de tomar decisões. Para isso, alguns princípios-chave orientam a sua construção. O primeiro deles, como se percebe, é o da sua construção pelo próprio aluno, possibilitando-lhe fazer escolhas e tomar decisões. Essa construção assume diferentes formas, dependendo da idade dos alunos, do curso e da atividade a ser desenvolvida e do tempo disponível. A orientação que o professor dará ao processo de construção também é variável. Além dos aspectos já apontados, considera-se o fato de os alunos e o professor já terem tido ou não a oportunidade de trabalhar com o portfólio. Se for a primeira vez, o processo terá de ser bem preparado e até as famílias precisam ser bem informadas.

1. Procure o significado da palavra contextualizar.
2. O que significa contextualizar o trabalho do aluno?
3. O que significa dizer que o portfólio permite ao professor entender o trabalho do aluno de forma contextualizada?
4. Como você poderá usar o portfólio para avaliar as aprendizagens dos seus alunos de forma contextualizada?

Também o professor prepara-se para desenvolver o trabalho com o portfólio. Faz parte dessa preparação fundamentar-se teoricamente sobre avaliação formativa e sobre portfólio. O que isso significa? Estudar e analisar a bibliografia sobre esses temas e conhecer iniciativas de sucesso sobre eles. Muitas atividades educacionais inovadoras costumam fracassar porque aqueles que vão colocá-las em prática nem sempre são os que concebem a idéia nem se preparam para desenvolvê-las. Por isso, o estudo do referencial teórico deve preceder o início do trabalho e ampliar-se enquanto o trabalho se realiza.

Pense no seu contexto de trabalho. Quais poderão ser as formas mais eficazes para que os pais dos seus alunos compreendam o trabalho com o portfólio? Seria o caso de reunir-se com eles para explicar em detalhes o que será feito e os propósitos? Mandar-lhes uma cartinha?

É bom lembrar que a avaliação tem raízes tradicionais profundas. Toda a sociedade brasileira valoriza o uso da prova como instrumento de avaliação. Por isso, todo cuidado é pouco. Não se trata de substituir a prova pelo portfólio. Ambos são procedimentos de avaliação, cada um cumprindo propósitos diferentes. Por isso, combate-se o uso exclusivo da prova: porque ela não tem condições de avaliar toda aprendizagem do aluno, que se dá por meio de diferentes linguagens. Além disso, a prova apresenta a desvantagem de ser um procedimento inteiramente organizado pelo professor que: decide se ela será inteiramente objetiva ou subjetiva ou se incluirá questões dos dois tipos; seleciona os conteúdos das questões; determina o dia e o horário da sua aplicação, a sua duração e o espaço a ser utilizado pelo aluno para dar suas respostas. Há a possibilidade de a prova ser incluída no portfólio. Mesmo que se pretenda abolila, recomendo que isso não seja feito de imediato, para não dar a impressão de que o portfólio é o seu substituto. Como prudência e água fresca não fazem mal a ninguém, sugiro adotá-la, no início, como uma das evidências de aprendizagem e usá-la como meio de o aluno avançar em sua aprendizagem. Por exemplo: imediatamente após sua aplicação, correção e devolução ao aluno, pedir-lhe que refaça as questões cujas respostas demonstram o que ele ainda não aprendeu e inserir as duas no portfólio, com a garantia de que vale-

rá, para fins de avaliação, a que revela que a aprendizagem ocorreu. Avaliar significa trabalhar com as relações desenvolvidas entre os sujeitos participantes do processo. As atitudes do professor nessas relações constituem um exemplo forte para os alunos que já têm internalizada a prática perversa de, ao refazer algum trabalho, o professor somar as duas notas e dividir o resultado por dois. Mudar isso requer tempo e o estabelecimento de confiança nas atitudes do professor.

O portfólio pode ser construído durante um mês, um bimestre, um semestre, um curso, uma disciplina ou o tempo do qual se dispuser e de acordo com os objetivos do trabalho a ser realizado. Pode abranger um tema, um projeto, uma unidade ou as atividades desenvolvidas durante um determinado período. Em qualquer situação, sejam os alunos crianças ou adultos, a preparação para o seu uso é necessária.

A sua construção requer outra decisão: que nível de direcionamento será dado pelo professor? Ele direcionará todo o trabalho, isto é, fará todas as determinações, direcionará em parte ou o aluno terá total autonomia? Depende de cada situação. O ponto de chegada é a conquista da autonomia pelo aluno, o que acontecerá por meio das oportunidades que lhe serão oferecidas para isso e por meio da orientação inicial do professor. Para que o processo seja bem implantado e alcance seus objetivos, é importante não aterrorizar o aluno, isto é, passar bruscamente de uma maneira autoritária de trabalhar para outra que lhe seja oposta. Nem o professor estaria pronto para isso. É necessário criar clima favorável à construção do portfólio, tanto para o professor como para o aluno. Ambos deverão percebê-lo como um aliado da aprendizagem e não como algo dificultador do seu trabalho. Uma coisa é certa: o professor não deve se sentir solitário nesse tipo de trabalho. O ideal é que toda a escola, todas as turmas de uma mesma série, todos os professores que atuam em um mesmo projeto ou todo um curso invista no mesmo processo, para que os alunos e suas famílias o percebam com credibilidade.

No caso da educação básica, ao ser implantado o trabalho com o portfólio, é importante que todos (escola e pais) entendam que ele representa um procedimento avaliativo de construção pelo aluno e não por seus pais. Dessa forma, ele o desenvolverá segundo suas capacidades e assim será avaliado. Alguns pais têm por hábito fazer as tarefas pelos filhos ou ajudá-los a fazê-las para que se saiam bem na escola. A lógica avaliativa norteadora do portfólio recusa essa prática porque o que se pretende é a promoção da aprendizagem. Se o aluno não revela suas necessidades não poderá ser orientado a atendê-las. A escola parece ser o lugar mais seguro para expormos sem medo nossas fraquezas, desde que aceitemos que a avaliação é o meio de promover a aprendizagem de alunos e professores. Escola é lugar de aprendizagem.

A construção do portfólio é feita por meio da reflexão, outro princípio norteador do trabalho. Por meio da reflexão, o aluno decide o que incluir, como incluir e, ao mesmo tempo, analisa as suas produções, tendo a chance de refazê-las sempre que quiser e for necessário. Recomenda-se que todas as produções do aluno permaneçam no portfólio, tanto a primeira versão quanto as outras,

sobre o mesmo tema, para que ele e o professor possam analisar o seu progresso.

Isso mesmo! Tudo o que o aluno faz merece ser valorizado. Um conceito com o qual se trabalha é o do progresso e não com o do fracasso. Como se percebe, o trabalho com o portfólio utiliza a lógica avaliativa em que o aluno não é penalizado pela aprendizagem ainda incompleta. Pelo contrário, esse procedimento funciona como um aliado da aprendizagem, por se entender que a avaliação promove a aprendizagem.

No início do trabalho, caberá ao professor orientar o uso da reflexão. De modo geral, os alunos não estão preparados para isso: costumam cumprir as prescrições do professor sem estabelecer articulação entre elas. Conversas com toda a turma, com alunos individualmente e com pequenos grupos podem ser formas de ajudá-los refletir sobre o que vêm fazendo e sobre seu significado. Poderão ser dirigidas perguntas aos alunos para ajudá-los a analisar o andamento das suas produções individuais e o andamento das produções do grupo. É importante lembrar que o professor pergunta, mas as respostas cabem aos alunos; elas são elementos disparadores do processo de reflexão. O professor ouve e faz novas perguntas que conduzam à reflexão. Assim como os outros princípios, o da reflexão faz parte de todo o trabalho. Não há um momento destinado especificamente a ela. Cabe ao professor iniciar o processo e incentivar os alunos a usarem-na sempre, sem medo.

Os princípios da construção e da reflexão favorecem o desenvolvimento da criatividade, outro princípio que se acrescenta. O aluno escolhe a maneira de organizar o portfólio e busca formas diferentes de aprender. Ele é estimulado a estar sempre trabalhando e tomando decisões. É importante que se valorizem as iniciativas dos alunos para que eles busquem novas idéias e não a repetição e a reprodução, tão comuns nas escolas. Há a tendência de o portfólio incluir apenas as produções escritas porque assim costuma ser realizado o trabalho nas escolas. O que se espera é que sejam apresentadas as evidências de aprendizagem de maneiras variadas, por outros meios além da linguagem escrita. Aprender a desenvolver argumentação oral é tão importante quanto aprender a ler e escrever. Na escola, a fala precisa ser valorizada para que as crianças aprendam, desde cedo, a se comunicar, a defender seus direitos, a apresentar suas argumentações para pequenos e grandes grupos, a submeterem-se a entrevistas, o que é muito comum hoje em processos seletivos. Algumas das atividades que podem ser realizadas com esse objetivo, nos anos iniciais da educação fundamental são:

- ouvir com atenção as novidades que as crianças trazem e incentivá-las a ampliá-las, por meio de perguntas;
- criar situações que possibilitem às crianças expressar suas idéias;
- solicitar que façam pequenas comunicações orais sobre temas, fatos e textos lidos;
- organizar rodas de leitura;
- organizar discussão improvisada ou não, sobre tema polêmico;
- pedir que argumentem a favor ou contra determinada posição;

• sugerir que recitem poemas e poesias etc.

As crianças que estão na educação infantil são ainda mais espontâneas e gostam de falar, por isso é necessário manter essa postura, dando-lhes a chance de participar em teatrinhos e incentivando a conversa entre elas, enquanto trabalham.

Com alunos de 5a a 8a série da educação fundamental e com os da educação média podem ser desenvolvidas atividades mais complexas, como por exemplo, apresentação de seminário, entrevistas conduzidas por eles, seguidas de relatos aos colegas e professores, produção de programas de rádio e outros.

O desenvolvimento dessas atividades exige que os alunos estejam desinibidos e que tenham sua fala preparada. Por isso, o recomendável é que tenham a oportunidade de realizá-las em todos os níveis escolares. Além disso, o professor deve criar clima favorável na sala de aula, para que o aluno se sinta à vontade para fazer sua comunicação e os colegas desenvolvam a habilidade de ouvir.

Um dos desafios do trabalho com o portfólio é como incluir atividades que não sejam escritas. Para fins de registro, o meio mais comum é a linguagem escrita. Porém, podem ser gravadas fitas cassete e de vídeo, que serão nele incluídas. Alunos de níveis mais avançados poderão usar o computador e construir o portfólio eletrônico. Os alunos poderão escolher ou receber a sugestão de assistir a filmes relacionados aos temas em estudo, fazer excursões, entrevistas, pesquisar em bibliotecas da comunidade, tirar fotos etc. Insisto: esse tipo de procedimento de avaliação não exclui outros já convencionais, como a prova. Como já foi dito, caso esta seja usada, será incluída no portfólio.

Os princípios da construção, da reflexão e da criatividade abrem caminho para a auto-avaliação. Enquanto assim trabalha, o aluno está permanentemente avaliando o seu progresso. A auto-avaliação, como outro princípio, é, então, um componente importante. A construção, a reflexão e a criatividade conduzem-no a desenvolver a capacidade de avaliar o seu desempenho com o objetivo de avançar sempre. A avaliação feita pelo professor é importante e, conjugada à do próprio aluno, faz com que se amplie a análise das suas possibilidades. A capacidade de auto-avaliação está presente em várias situações de nossa vida, devendo ser desenvolvida na escola desde cedo, de maneira adequada. O trabalho com o portfólio é uma excelente oportunidade para isso porque os alunos têm em mãos todas as suas produções, podendo compará-las com os critérios formulados por eles e o professor. Por meio dela, o próprio aluno pode reconhecer suas potencialidades e fragilidades. Cabe ao professor estar sempre atento e disponível para ajudá-lo a observar seu crescimento intelectual e a registrar suas análises. Se os alunos aprendem, desde cedo, a participar da formulação dos critérios de avaliação do portfólio que atendam aos objetivos pedagógicos da escola e aos objetivos educacionais mais amplos, ganharão para toda a vida a capacidade da auto-avaliação.

A prática da auto-avaliação por alunos de todas as idades requer o desenvolvimento da habilidade crítica. O portfólio é um processo pelo qual eles próprios selecionam suas melhores produções, o que torna essa habilidade fundamental. Para isso, precisam conhecer e compreender os critérios que usarão para avaliar seus

Para que seus alunos desenvolvam a criatividade, você deverá organizar o trabalho com a turma de forma criativa, criando oportunidades para a formulação de idéias variadas. Pense como sua turma poderia iniciar o trabalho com o portfólio de forma criativa. Para isso, é importante valorizar as iniciativas dos alunos e deixar que cada um deles pense maneiras diferentes de buscar informações.

trabalhos. Tradicionalmente, esses critérios são de conhecimento apenas do professor, que costuma usá-los com flexibilidade, isto é, de forma diferente para cada aluno. A avaliação por meio de portfólio exige que os alunos não só os conheçam, mas até participem da sua formulação, para que aprendam a desenvolver seus próprios critérios e a analisar seu desempenho. Desde a educação infantil as crianças podem e devem aprender a avaliar suas produções. Desde cedo elas podem aprender a reagir ao seu trabalho e a fornecer suas percepções quanto à sua aprendizagem.

A avaliação por meio do portfólio oferece ao aluno, ao professor e aos pais evidências da aprendizagem. Para que o aluno selecione suas melhores produções, deve reconhecer os objetivos específicos da aprendizagem e os critérios de avaliação, desenvolver suas atividades e avaliá-las segundo esses critérios. O passo seguinte será o de o aluno trabalhar com vistas ao alcance de outros objetivos. Professores e pais têm, assim, um excelente meio para discutir formas de ajuda aos alunos para a continuidade do trabalho.

Voltaremos a falar da auto-avaliação na seção seguinte. Aguarde!

O trabalho pedagógico e a avaliação deixam de ser de responsabilidade exclusiva do professor. A parceria passa a ser um princípio norteador das atividades. Easley e Mitchell (2003, p. 20) consideram que o portfólio é o único procedimento de avaliação em que alunos e professores atuam em conjunto. Por isso, dizem elas, é uma forma autêntica de avaliação, que permite aos alunos aprenderem habilidades que lhes serão úteis por toda a vida. Esse processo lhes possibilita aprender a tomar decisões sobre sua própria aprendizagem e a estabelecer objetivos para o futuro. A parceria é uma competência a ser desenvolvida na escola. Fala-se aqui da parceria aluno-professor, aluno-aluno e professor-professor. O trabalho com o portfólio, tornando-se uma prática de toda a escola, imprime dinâmica diferente ao trabalho da sala de aula e até da escola porque são eliminadas as ações e as atitudes verticalizadas e centralizadoras. O trabalho do aluno é percebido como a razão de ser da escola.

A vivência desse processo desenvolve a autonomia do aluno frente ao trabalho, outro princípio norteador do trabalho com o portfólio. Ele percebe que pode trabalhar de forma independente e que não precisa ficar sempre aguardando orientação do professor, já que, mesmo necessária em várias ocasiões, é importante que o aluno perceba que pode tomar iniciativas.

Os princípios da construção, reflexão, criatividade, parceria, auto-avaliação e autonomia, que acabamos de analisar, indicam que o envolvimento do aluno é crucial no trabalho com o portfólio. Contudo, é necessário que o professor e toda a escola adotem esse entendimento.

Socialização dos portfólios

Durante todo o processo de construção dos portfólios, a sua socialização é uma atividade imprescindível. Sabe por quê? Porque o portfólio é uma construção individual e um procedimento de ava-

Você já tinha ouvido falar em portfólio? Em caso afirmativo, o que você já conhecia coincide com o que acabamos de discutir? Você gostaria de usar o portfólio como procedimento de avaliação da aprendizagem dos seus alunos? Para iniciá-lo, pense na abrangência que poderá ter: será o portfólio de um tema? De uma unidade? Por um tempo determinado? Feito isso, planeje o trabalho: quais serão os seus objetivos? Como será feita a apresentação dessa nova forma de trabalhar aos alunos? E aos pais? Qual será ponto de partida? Quais serão os critérios de avaliação (seria mais adequado construí-los juntamente com os alunos)? Que atividades serão desenvolvidas? Que evidências dessas atividades serão incluídas no portfólio? Todas ou os alunos poderão escolher as que desejarão incluir? Que formato terá o portfólio? Serão todos iguais ou cada aluno poderá escolher o formato do seu portfólio?

liação ainda pouco conhecido. Entre alunos maiores, já acostumados a terem a prova como único instrumento, o uso do portfólio pode causar desconforto e insegurança porque, à primeira vista, pode ser considerado trabalhoso e até mesmo "difícil". Para que os alunos aprendam a confiar em um trabalho de cuja organização, desenvolvimento e avaliação eles participam, torna-se necessário criar momentos em que eles discutam entre si o que vêm fazendo: as suas conquistas e os desafios que vão surgindo. Essa é uma das maneiras de eles realizarem atividade em grupo e de avaliarem o trabalho dos colegas. Nisso consiste a socialização dos portfólios.

Durante a socialização dos portfólios os alunos apresentam os seus trabalhos, descrevendo e justificando suas escolhas. Essas apresentações podem ser feitas de várias maneiras: para um grupo de professores, dependendo da série, do curso e da disciplina; para grupos de pais; para visitantes; para os próprios alunos. Essa dinâmica pode oferecer vários benefícios para os alunos, como por exemplo: aprender a desenvolver argumentação oral para um público que pode lhes fazer perguntas, por um tempo definido; aprender a ouvir e a analisar julgamentos sobre seu trabalho; desenvolver equilíbrio emocional etc. Essas e outras são situações que os alunos enfrentarão mais tarde e que devem ser praticadas, primeiramente, em ambientes que não sejam ameaçadores.

Portfólios de alunos de uma turma ou de uma série podem ser também apresentados, pelos próprios autores, para outras turmas, de outras séries. É uma forma de divulgar e valorizar as atividades realizadas.

Após cada atividade de socialização, peça aos alunos que escrevam suas impressões: o que sentiram, o que aprenderam e como esse processo de troca de idéias pode ser melhorado. Durante a socialização os alunos poderão avaliar o trabalho dos colegas, respeitosamente, e praticar a auto-avaliação, refletindo sobre o seu progresso e sobre os objetivos que ainda lhes falta alcançar.

O trabalho com o portfólio

Ao longo deste texto tenho me referido ao "trabalho com o portfólio". Mas, afinal de contas, o portfólio é um procedimento de avaliação ou cabe falar em "trabalho com o portfólio"? Falar de portfólio requer que se fale da avaliação formativa e do contexto educativo que ela cria e, também, que dela resulta. Nesse sentido, o portfólio não é considerado um simples "procedimento" de avaliação, usado em determinados momentos. O seu uso contínuo faz com que ele ultrapasse sua função avaliativa inicial, consolidando-se como o eixo norteador do trabalho pedagógico. Ele ganha status frente ao trabalho e assume papel central.

Tem sido utilizada, propositalmente, a expressão "trabalho com o portfólio", para indicar que a avaliação não acontece em momentos isolados do trabalho pedagógico: ela o inicia, permeia todo o processo e o conclui. Basta examinar os princípios nos quais o portfólio se apóia para se perceber que ele orienta o desenrolar das atividades. Ele ocupa posição de destaque no processo. Conclui-se, então, que avaliação e aprendizagem se entrelaçam e se confun-

Uma atividade como essa não pode receber nota, conceito ou menção. Se o aluno vincular um processo tão rico como esse a uma nota, perde-se todo o seu valor.

dem. Na educação infantil e nos anos iniciais da educação fundamental, quando a interação professor/aluno é mais intensa, é mais nítida a indissociabilidade avaliação/aprendizagem. Portanto, falar de avaliação é falar do trabalho pedagógico.

Planejamento do trabalho com o portfólio

Como acontece com qualquer procedimento de avaliação, o uso do portfólio também é planejado. Alguns argumentos reforçam a necessidade desse planejamento:

- trata-se de um procedimento de uso recente, poucos professores e escolas o conhecem ou já o desenvolveram;

- pelo fato de o portfólio quase não ser conhecido por pais e alunos, a tendência é a manutenção da crença de que a prova é o procedimento mais sério;

- pelo portfólio basear-se nos princípios já apresentados, a preparação dos alunos e de seus pais para a sua implantação é fundamental. Esse é um aspecto muito importante do planejamento, que exigirá tempo e paciência;

- a literatura sobre o tema ainda é incipiente. As escolas terão de buscar informações confiáveis, em várias fontes. O trabalho conjunto com universidades para troca de idéias e realização de pesquisas poderá trazer bons frutos para ambos os lados;

- como uma primeira impressão, professores e alunos poderão sentir sobrecarga de trabalho. A introdução do portfólio como procedimento de avaliação não pode significar terrorismo pedagógico. Isso não traz benefício a ninguém. O trabalho pode ser facilitado se for bem compreendido e planejado. Propósitos explícitos evitam que ele seja percebido como sobrecarga. Cabe à escola criar clima de trabalho favorável;

- a decisão de usar o portfólio deve partir da escola. O planejamento do trabalho deve ser de sua responsabilidade. Os órgãos gestores deverão fornecer a ajuda solicitada por ela;

- como os alunos geralmente estão acostumados a receber tudo pronto e a simplesmente cumprir ordens, o trabalho com o portfólio será planejado para iniciar-se aos poucos, assegurando-lhes segurança para prosseguir.

Planejam-se a implantação do uso do portfólio e a sua continuidade, em termos da sua articulação com o trabalho pedagógico e da sua participação no processo avaliativo, e a utilização que dele será feita como uma produção do aluno.

Vejamos cada um desses aspectos do planejamento. Com relação à sua implantação, consideram-se: a justificativa e os objetivos para a sua adoção; quem o implantará – toda a escola ou parte dela –; a preparação dos professores e demais profissionais da educação; a preparação dos alunos e dos pais; como será a sua construção.

Passado o momento da implantação, que teve o suporte adequado do planejamento, surge a necessidade de se planejar a continuidade do uso do portfólio. Agora, pensa-se sobre as seguintes questões: o que está sendo realizado corresponde aos objetivos propostos? Quais objetivos ainda não estão alcançados? Por quê? Como o portfólio está se articulando ao trabalho pedagógico? Que aspectos têm contribuído para isso e quais estão deixando de contribuir? Qual tem sido a repercussão do portfólio no trabalho peda-

gógico? Quais alunos estão se beneficiando desse tipo de procedimento de avaliação? Quais ainda não estão se beneficiando? Por quê? O que pensam os alunos e os pais sobre o portfólio? Como articular a avaliação por meio de portfólio aos outros procedimentos de avaliação?

O terceiro momento do planejamento refere-se à utilização a ser feita do portfólio como produção do aluno. Cabe investigar: o que essa produção está representando para o aluno e para seus pais? Quais são as aprendizagens mais evidenciadas por cada aluno?

O aspecto mais importante do planejamento do trabalho com o portfólio é o envolvimento do aluno, dadas as suas características já bem exploradas. Por ser um aspecto ao qual pouco de dedicou, até agora, é importante que ele mereça destaque no planejamento, para que professores, alunos e pais se sintam seguros com a sua presença.

Avaliação por meio de provas

Não me deterei na apresentação da prova porque ela tem sido muito discutida por vários autores. Seus malefícios têm sido largamente comentados. Mas não é o caso de ela ser abolida, como já foi apontado. Afinal de contas, temos de nos submeter a ela em vários processos seletivos. O seu uso é que precisa ser reconsiderado. Precisamos pensar: qual a sua importância no processo avaliativo? Veja a figura apresentada anteriormente. Ela é um dos procedimentos. Por que usá-la? Com que objetivos? Quando usá-la? Como articular seus resultados aos de outros procedimentos? O que tem acontecido de errado com ela é o fato de ser o único procedimento de avaliação e de, geralmente, assumir característica classificatória. Isso acontece quando os resultados por ela fornecidos servem apenas para atribuição de nota, sem que o aluno tenha chance de aprender o que ainda não aprendeu. Na perspectiva classificatória, a nota que resulta da prova é mantida. Ao contrário, na perspectiva formativa, por seu intermédio constata-se o que cada aluno ainda não aprendeu e o trabalho pedagógico é reorganizado para que a aprendizagem seja garantida. No caso de se adotarem notas, prevalece a que demonstra a ocorrência da aprendizagem. Você poderá indagar: mas assim todos os alunos terão notas altas! O que os pais irão pensar do meu trabalho? Eles deverão compreender que o que interessa é a aprendizagem e não a nota. Se eles ainda não sabem disso, é uma aprendizagem que a escola irá lhes proporcionar.

A insistência na utilização da prova ocorre porque ela dá ao professor e aos estudantes um "estado de quietação", isto é, de segurança quanto à possibilidade de atestar a capacidade de expressão do conhecimento (BATISTA, 2006, p. 11). Contudo, cabe lembrar a necessidade de os alunos expressarem seu conhecimento por meio de diferentes formas e linguagens, para que tenham inserção social crítica.

Quando se trabalha com o portfólio, a prova poderá também ser utilizada: como um outro procedimento ou mesmo como ele-

mento que o integre.

Você poderá criar provas que sirvam para promover a aprendizagem. Por exemplo: após a sua realização pelos alunos e a análise feita por você, devolva-lhes e, em sala de aula, dê orientação para que sejam refeitas as questões que demonstram essa necessidade. O que importa não é a nota, mas a aprendizagem. Esse é um meio de se praticar o que é chamado inadequadamente de "recuperação". Na lógica da avaliação tradicional, classificatória, deixa-se que se acumulem "aprendizagens não adquiridas" pelos alunos, encaminhando-os a "estudos de recuperação", todos juntos, ao mesmo tempo, realizando as mesmas atividades. Na avaliação formativa não cabe falar de "recuperação". Recupera-se algo que já existiu. Por exemplo: recupera-se um objeto perdido, o que significa que ele existe. Não faz sentido falar em recuperação em um processo de trabalho em que a aprendizagem e a avaliação andam sempre juntas. Se o aluno está em processo permanente de aprendizagem, ele nada tem a recuperar. Ele está aprendendo sempre e esse processo está sempre em avaliação, de modo que ele, sua família e o professor saibam o que já aprendeu e o que ainda não aprendeu. Esse é o grande lance da avaliação e da aprendizagem. Não há momentos específicos para "recuperação", assim como não deve existir a retenção de alunos.

A recuperação feita nos moldes tradicionais costuma ser feita para melhorar a nota e possibilitar a aprovação do aluno. Por isso, nem todos os alunos são encaminhados a estudos de recuperação, apenas os que tiram nota "abaixo da média". Os que estão "na média" ou acima dela seguem em frente, como se tivessem aprendido tudo o que lhes foi passado e têm condições de prosseguir. Isso demonstra que a escola e a família se interessam apenas pela aprovação do aluno. Porém, as aprendizagens não adquiridas vão se acumulando e levam os professores de séries mais avançadas a reclamar que os alunos não têm os "pré-requisitos". Muitas vezes a escola considera que nada mais pode ser feito. Isso quer dizer que os alunos não aprenderam, apenas "passaram de ano".

"Que avaliação é essa que não se compromete com a aprendizagem dos alunos?" (VILLAS BOAS, 2004, p. 79).

Avaliação por colegas

A avaliação por colegas (da mesma disciplina ou da mesma turma, por estarem desenvolvendo as mesmas atividades) é um componente importante do processo avaliativo e pode ser o primeiro passo para a auto-avaliação. Enquanto analisam e revisam suas próprias produções, os alunos podem fazer o mesmo com as dos colegas. Sabendo que suas atividades serão apreciadas por colegas, eles as prepararão com mais cuidado e, possivelmente, com mais prazer. Tarefas diversas podem ser avaliadas em duplas de alunos e, posteriormente, em grupos de três ou quatro, sempre tendo o acompanhamento do professor. Essa ajuda mútua tem a vantagem de ser conduzida por meio da linguagem que os alunos naturalmente usam.

Essa avaliação pode fazer parte do trabalho com o portfólio, principalmente nos momentos de socialização. Para isso, é impor-

tante a criação de clima apoiador ao trabalho e não clima de competição e de comparação. Todas as contribuições e sugestões são acolhidas e discutidas, sem ressalvas, porque representam o momento de aprendizagem em que o aluno se encontra. Na disciplina Avaliação Escolar, do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, tenho adotado a avaliação por colegas, nos momentos de socialização dos portfólios. Justificando sua concordância quanto ao uso desse procedimento, uma aluna escreveu em seu portfólio: "os colegas são mais 'gente como a gente' do que os professores. Podem se comunicar com mais clareza e me perceber melhor". Além disso, os alunos costumam aceitar mais facilmente os comentários de colegas do que os de seus professores.

Com crianças é muito fácil desenvolver avaliação por colegas porque elas são espontâneas e gostam de atividades diferentes e dinâmicas. A vivência desse processo avaliativo desde o início do processo de escolarização contribuirá para a formação de cidadãos solidários e capazes de pensar e tomar decisões.

Quando possível, os próprios alunos podem criar listas de discussão, blogs e outros meios, por internet, para envio de material para análise por eles próprios.

O feedback advindo de um grupo de colegas pode ser mais bem aceito do que o individual. Esse tipo de avaliação permite a participação dos alunos e aumenta a comunicação entre eles e o professor, sobre sua aprendizagem. Além disso, o fato de os alunos reconhecerem suas próprias necessidades, comunicando-as ao professor, faz com que este tenha o seu trabalho facilitado e tempo maior para auxiliar os que precisam de sua atenção. Enquanto os alunos estão ocupados, envolvidos na avaliação das produções dos colegas, o professor pode dedicar-se a observar o desenvolvimento das atividades, refletir sobre elas e fornecer as intervenções necessárias. Em resumo, os alunos aprendem assumindo o papel de professores e de avaliadores das aprendizagens dos colegas (BLACK et al., 2003, p. 51).

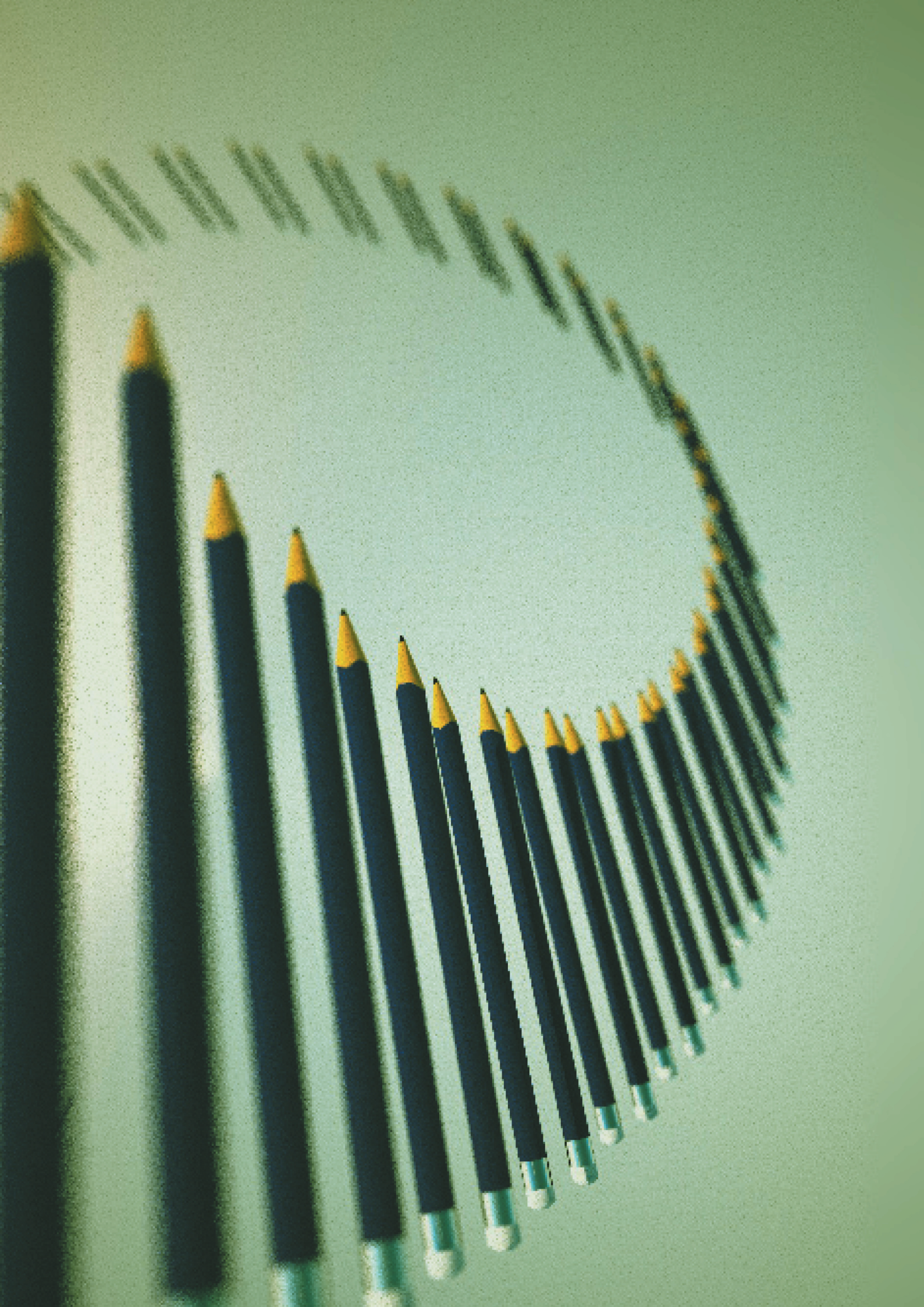
A avaliação por colegas pode introduzir dinamismo e prazer no trabalho dos alunos. Vale a pena investir nessa idéia, não acha? Precisamos dar chance aos nossos alunos de caminhar seguindo seus próprios passos. Nós caminhamos ao lado deles.

1. Como vimos, avaliar não significa aplicar provas ou simplesmente adotar outros procedimentos de avaliação. É mais do que isso. Cada escola tem o seu processo avaliativo. Qual é o processo de avaliação da sua escola? Quais procedimentos de avaliação possibilitam a coleta de informações para que se faça a avaliação? E em sua sala de aula? Qual processo avaliativo você usa?

2. Se você ainda não usa o portfólio, pense como poderia adotá-lo em sua turma. Que proveito ele poderia trazer ao trabalho que você e seus alunos realizam?

3. Agora pense na prova. Você certamente a utiliza. Para quê? O que você faz com os seus resultados? A forma como a utiliza coincide com o que este texto discute? Justifique.

4. Pense no que discutimos sobre as possibilidades da avaliação por colegas. Como essa avaliação pode ser feita em sua turma?



3 Procedimentos de avaliação: auto-avaliação, observação e entrevista. Avaliação e ética

Objetivo: - confrontar as práticas avaliativas apresentadas com as usadas em sua sala de aula, descrevendo como vem desenvolvendo cada uma delas;
identificar aspectos das práticas avaliativas que podem ser incorporados ao trabalho desenvolvido em sua sala de aula;
apontar os aspectos éticos da avaliação conduzida em sua sala de aula;
- descrever os aspectos da sua prática avaliativa que ainda não alcançaram os princípios éticos desejados.

Avaliação por meio de auto-avaliação

Discutimos a auto-avaliação como um dos princípios do trabalho com o portfólio. Mas não pense que ela somente é usada nessa situação. Deve ser parte do trabalho pedagógico se quisermos contribuir para a formação de cidadãos que pensem criticamente e saibam intervir quando necessário. Portanto, mesmo não sendo usado o portfólio como procedimento de avaliação, a auto-avaliação pode e deve ser usada. Ela é um dos mais importantes meios de coleta de informações para a avaliação, como você irá perceber a seguir.

Entende-se por auto-avaliação o processo pelo qual o próprio aluno analisa continuamente as atividades desenvolvidas e em desenvolvimento e registra suas percepções e sentimentos. Essa análise leva em conta: o que ele já aprendeu, o que ainda não aprendeu, os aspectos facilitadores e os dificultadores do seu trabalho, tomando como referência os objetivos da aprendizagem e os critérios de avaliação. Dessa análise, realizada por ele, novos objetivos podem emergir. Um elemento importante nesse processo é a identificação de futuras ações, para que haja avanço na aprendizagem. Essa auto-avaliação não visa à atribuição de notas, conceitos ou menções pelo aluno. Ela não tem esse propósito. Alunos de todas as idades são capazes de avaliar o seu trabalho, cada um segundo seu nível de desenvolvimento; contudo, nem sempre suas percepções são consideradas. Quando o são, isso é feito por meio de uma ficha ou um formulário organizado pelo professor e distribuído aos alunos para preenchimento no momento por ele determinado.

Nem sempre os alunos são informados sobre o que é feito com os dados coletados. Esse procedimento é mais um exemplo de prática avaliativa autoritária, que confunde os alunos porque eles não sabem o uso a ser dado às informações por eles fornecidas. A verdadeira auto-avaliação não se articula com nota; tem o sentido emancipatório de possibilitar ao aluno refletir continuamente sobre o processo da sua aprendizagem e desenvolver a capacidade de registrar suas percepções. Cabe ao professor incentivar a prática da auto-avaliação pelos alunos e usar as informações fornecidas para reorganizar o trabalho pedagógico, sem penalizá-los.

Como introduzir a prática da auto-avaliação? Com crianças pequenas tudo é mais simples porque elas são espontâneas e ainda não adaptadas à escola do silêncio e do medo. Em conversas informais, em resposta a perguntas simples, durante a realização de atividades, elas apontam seus sentimentos e percepções, que podem ser anotados pelo professor em uma folha destinada a cada criança. Alunos da educação infantil e dos anos iniciais da educação fundamental gostam de conversar e contar para o professor o que sentem. Essas são ótimas oportunidades para coletar suas percepções. Quando o portfólio é adotado, os comentários das crianças podem ser nele inseridos pelo professor, no caso de elas ainda não escreverem. Uma outra maneira de conhecer o que a criança sente é pedir-lhe que desenhe a escola, a turma ou a sala de aula como são e como ela gostaria que fossem. Podem surgir cenas reveladoras de como ela percebe o trabalho pedagógico.

O uso das informações fornecidas pela auto-avaliação é feito com ética, o que significa que elas só podem servir aos propósitos que são do conhecimento dos alunos. Além disso, o professor precisa ter muita sensibilidade para distinguir as que podem e as que não podem ser comentadas publicamente. A avaliação é um ato ético por excelência.

À medida que as crianças crescem e conseguem escrever, é importante criar espaços e o hábito de elas dizerem por escrito como se sentem trabalhando na escola, por meio de uma palavra, uma frase, um poema, um desenho etc.

Alunos maiores podem comparar suas produções com os objetivos da aprendizagem e com os critérios de avaliação, para analisarem se os atendem. Em caso afirmativo, definirão, juntamente com o professor, as atividades seguintes e, em caso negativo, analisarão, juntamente com ele, o que lhes falta aprender e como o farão. Tudo isso é feito por meio de relações que transmitem tranqüilidade e apoio ao aluno. Como se observa, o papel do professor é muito importante. Em nenhum momento ele deixa de ser o coordenador do trabalho pedagógico. Ele continua tendo a autoridade que lhe cabe. O que muda é o papel do aluno: de simples cumpridor de tarefas, ele passa a co-responsável. O papel do professor não é diminuído, é reforçado e valorizado.

É importante observarmos que a auto-avaliação é mais ligada à avaliação para a aprendizagem do que à avaliação da aprendizagem, porque ela possibilita o desenvolvimento de muitas aprendizagens. Não apenas os conteúdos curriculares são aprendidos, mas, também, formas de convivência e relacionamento saudável entre alunos e professores e entre os próprios alunos. Essas aprendizagens são utilizadas largamente, nas diversas práticas sociais. A auto-avaliação inclui a formulação de julgamentos do mérito do trabalho, pelo aluno, o que usualmente tem sido tarefa do professor. A valorização do que os alunos pensam sobre a qualidade do seu trabalho constitui um desafio à ordem estabelecida e à rotina escolar.

De que outras formas seus alunos poderão praticar a auto-avaliação?

Você certamente dá chance aos seus alunos para se auto-avaliarem. Como isso tem sido feito? Oralmente? Por escrito? Quando? O que você faz com as informações fornecidas por eles? Como você poderá usar a auto-avaliação com seus alunos de modo que ela faça parte da avaliação formativa?

Avaliação por meio de entrevista

Principalmente na educação infantil e nos anos iniciais da educação fundamental o professor conversa todo o tempo com os alunos. Por que não fazer uso dessa oportunidade tão rica de interação para complementar o processo avaliativo? Só que, para isso, alguma organização é necessária. Antes de abordarmos essa possibilidade, façamos uma reflexão sobre o fato de a entrevista, como procedimento avaliativo, ser pouco utilizada. A razão disso parece advir da má utilização de provas orais há algumas décadas. Essas provas eram o terror dos alunos porque costumavam ser feitas somente ao final do ano letivo, por meio de sorteio de questões. Se o aluno tivesse a sorte de "cair" para ele uma questão que soubesse responder, ele se sairia bem; ao contrário, seria reprovado. Esse tipo de prova foi sumariamente eliminado na década de 1950, tendo permanecido somente a prova escrita.

Dar chance ao aluno de falar, de desenvolver argumentação oral e de posicionar-se sobre vários temas enriquece seu processo de aprendizagem. A adoção da entrevista como procedimento de avaliação requer a existência de relacionamento amigável entre professor e aluno, para que este se sinta à vontade e não a perceba com temor. A palavra "entrevista" nem precisa ser empregada; o termo coloquial "conversa informal" talvez seja o mais apropriado, inicialmente. O professor pode fazer perguntas ou simplesmente ouvir o aluno. No caso de ele fazer perguntas, essas devem ser claras e compreensíveis. É preciso que o professor seja capaz de ouvir o aluno, respeitosamente, dando-lhe o tempo necessário para expressar-se. Outra recomendação é o professor não indicar, com gestos e olhares, possíveis desagrados e discordâncias. O uso freqüente da entrevista possibilita saber não só o que o aluno aprendeu e o que ainda não aprendeu, mas, também, conhecê-lo como pessoa: suas necessidades, possibilidades e crenças, assim como seus interesses e valores.

A entrevista serve para complementar informações; abrange aspectos do trabalho não identificáveis por outros procedimentos. Conversando com o aluno é possível conhecer como ele pensa e os motivos de muitas de suas ações. Uma das dificuldades para o seu uso constante poderá estar relacionado ao tempo que requer para entrevistar cada aluno. Contudo, pode-se adotar como rotina de trabalho entrevistar alguns alunos a cada dia, começando por aqueles que evidenciam necessidades.

O uso sistemático da entrevista fará parte da rotina de trabalho e, em algumas situações, ela poderá ocorrer durante a realização de atividades em classe, com o próprio aluno dando início a ela, quando ele faz uma pergunta ou um comentário. O professor aproveita a situação e conduz a conversação.

Para ser bem utilizada, a entrevista é planejada, isto é, define-se seus propósitos, quem será entrevistado, o momento da sua realização e como será feita a anotação das informações coletadas. Inicialmente, para que não cause temor nos alunos, ela pode ser conduzida por meio de conversa informal. Com o passar do tempo, os alunos acostumar-se-ão à idéia de que ela é um procedimento valioso de avaliação oral. Hoje há necessidade de os alunos aprenderem, desde cedo, a se apresentarem para desenvolver argumentação oral, a responderem a questões e a terem postura adequada para isso. Em muitas situações de seleção para cursos e empregos esse procedimento vem tendo destaque; porém, o que se observa é que a escola tem privilegiado a prova escrita, não oferecendo oportunidade para o desenvolvimento da argumentação oral.

A entrevista pode ser desenvolvida tendo como sujeitos: a) somente um professor entrevistando um aluno; b) um grupo pequeno de alunos assistindo à entrevista de um colega por um professor e, posteriormente, fazendo os seus comentários (este pode ser o início da avaliação por colegas); c) um grupo de professores entrevistando um aluno; d) um grupo de professores entrevistando um grupo de alunos. Certamente outras combinações podem ser feitas. O importante é que esse procedimento de avaliação não seja entendido como mais um para classificar e aprovar ou reprovar, mas atue como um aliado da avaliação formativa. Cabe lembrar: a

avaliação formativa articula-se ao trabalho pedagógico interessado na aprendizagem e no sucesso de todos os alunos.

Lembra-se de que apontamos a importância da socialização dos portfólios? Nesses momentos de interação aluno/aluno e professor/aluno pode ter início uma conversa informal. Digo que ela pode ter início porque o professor pode aproveitar comentários, dúvidas ou observações para, em outros momentos, retomá-los e desenvolver a entrevista.

Como a entrevista pode ser usada em seu contexto de trabalho? Como ela pode ser articulada aos procedimentos de avaliação que você já utiliza?

Avaliação por meio da observação

Outro procedimento que integra o processo avaliativo é a observação, muito útil em todas as situações de aprendizagem e particularmente importante e de fácil utilização na educação infantil e nos anos iniciais da educação fundamental, níveis em que os professores permanecem todo o período diário de aulas com os alunos e estão sempre interagindo com eles. Contudo, insisto: em todos os níveis e em todos os componentes curriculares a observação e a entrevista são igualmente úteis porque aproximam professores e alunos, em situações variadas.

A observação permite investigar as características individuais e grupais dos alunos, para a identificação das suas potencialidades e fragilidades, assim como dos aspectos facilitadores e dificultadores do trabalho. É importante conhecer como os alunos aprendem, como se relacionam, como percebem a escola e a atuação do professor, suas preferências (na escola, na família e em outros espaços).

Para o planejamento da observação, Stierer et al. (1993, p. 24) sugerem os seguintes passos:

a) Organização da sala de aula

Para que o professor tenha condições de observar seus alunos e fazer os registros, é necessário que eles possam trabalhar com independência. Dessa forma, o professor pode usar seu tempo em interação avaliativa com os alunos e não apenas lhes fazendo simples perguntas.

Quando observar? A decisão quanto ao momento de fazer observações faz parte do processo de planejamento. As questões seguintes podem ajudar nessa escolha.

Que momentos do tempo escolar podem ser dedicados a observações? O professor pode observar enquanto trabalha e interage com grupos de alunos, pois a observação não precisa ser silenciosa: pode envolver conversa com os alunos sobre o que estão fazendo ou pensando. Podem ser identificados, para observação, dois alunos do grupo com o qual o professor está trabalhando. O registro pode ser feito durante ou imediatamente após a observação.

Outros profissionais que atuam na escola/curso poderão aju-

dar o professor? Se o professor tiver a sorte de ter alguém disponível para ajudá-lo em seu trabalho com a turma, pode aproveitar esses momentos para realizar as observações.

b) Estabelecimento do alvo das observações

As observações podem ser feitas de duas maneiras: a) o professor pode anotar fatos interessantes e significativos assim que eles acontecem. Essas observações incidentais costumam ser muito valiosas; b) as observações são planejadas, por meio da identificação de um determinado aluno, de uma determinada disciplina, conteúdo, tema, atividade ou momento do dia. Essa segunda forma é denominada de "observação alvo". As vantagens dessa observação são as seguintes: permite ao professor sistematizar as observações de todos os alunos, a dirigir sua atenção e coletar informações que respondem a questões sobre a maneira pela qual os alunos estão usando os recursos de aprendizagem.

Estabelecer objetivos alcançáveis e realísticos é uma maneira importante de se iniciarem e manterem as observações. Se as observações acontecerem ao acaso ou quando houver tempo, outras coisas ocuparão o tempo do professor. Por outro lado, o uso excessivo da observação, deixando em segundo plano outras atividades do trabalho pedagógico, pode conduzir ao sentimento de perda de controle da situação, o que poderá ter, como conseqüência, a desistência do seu uso. Estabelecer o alvo e os objetivos juntamente com colegas enriquece o processo.

Quantos alunos observar? Pode ser feita a seleção de um aluno por dia/sessão ou seleção de um grupo de alunos por semana ou por um período.

Quem observar? Podem-se selecionar alunos que sejam novatos na escola/turma/grupo, que estejam causando preocupação ou que precisem ser mudados de turma etc.; escolher dentre aqueles que pertencem ao grupo que será observado primeiramente ou simplesmente seguir a relação dos alunos matriculados. De qualquer forma, é preciso destinar tempo para a observação de todos os alunos.

Onde observar? A observação pode ser feita em uma área da sala de aula ou fora da sala de aula convencional, em outros espaços da escola, se houver objetivo particular.

O que observar? Uma área específica de trabalho, dentro ou fora da sala de aula convencional ou atividades em desenvolvimento.

Quando observar? Em um horário do dia a esse fim destinado.

Por quanto tempo observar? Uma observação planejada para 5 minutos pode ser frutífera, mas a duração depende dos objetivos e da atividade. Curtas observações podem ser igualmente reveladoras, caso seja possível contextualizá-las. Se um aluno estiver trabalhando próximo do professor durante cerca de 20 minutos, esse período pode ser aproveitado para registrar os fatos observados. É importante discutir o trabalho de observação e de registro com colegas, para troca de idéias.

c) Organização dos registros de observação

Também faz parte do planejamento da observação decidir sobre como serão feitos os seus registros. Não se pode confiar na me-

mória. Os registros podem ser feitos em um caderno próprio, tendo uma folha dedicada ao registro da observação de cada aluno ou em ficha, uma para cada aluno. O importante é escrever o que é visto e ouvido, o que chama mais a atenção, da maneira como acontece, sem explicações nem adjetivos. A interpretação virá depois de um volume satisfatório de informações. Anotam-se os dados importantes o mais rapidamente possível. As crianças se acostumarão com essa prática. Se elas perguntarem o que o professor tanto escreve, com naturalidade ele poderá responder: anoto tudo o que vocês estão aprendendo. Avaliação e confiança entre professor e alunos andam juntas. Observam-se e avaliam-se todas as atividades, desenvolvidas por meio de todas as linguagens e não apenas aquelas que usam a linguagem escrita. Valorizam-se todas as formas de expressão. Realmente é importante saber escrever bem, mas é igualmente necessário saber comunicar-se oralmente.

Se for usado um caderno para registro das observações, suas folhas são soltas, para que possam ser retiradas ou acrescentadas.

Como organizar as folhas de registro? O uso da folha será facilitado se houver uma para cada aluno, com o seu nome no início da página. Ao final do caderno algumas folhas permanecerão sem nome, à espera dos que chegam transferidos. O caderno poderá ter espaços para grupos de alunos segundo suas necessidades, como os que se matricularam mais recentemente ou os que poderão ir para outra turma/grupo. As folhas de registro de observação dos alunos que serão observados em um determinado dia ou durante a semana poderão ser separadas. Uma folha pode ser acrescentada para revisão (este tema será tratado mais adiante).

Onde manter o caderno de registro? Sempre à mão, para facilitar seu uso. Tê-lo sempre sobre a mesa de trabalho é uma boa idéia.

Que quantidade de anotações deve ser feita? Não é a quantidade o que importa, mas o que será útil posteriormente. A prática ensinará a identificar os comportamentos, frases ou fatos mais relevantes e a desprezar os detalhes sem muita importância. O tempo ensinará a escrever o que seja mais significativo.

O que anotar? Toda observação deve ser contextualizada, o que indica a necessidade de se colocar a data, o horário e a situação em que algo aconteceu. Tanto podem ser usados trechos de conversação que ajudem a lembrar da cena ocorrida como palavras-chave.

Como anotar? Anota-se o que foi visto ou ouvido, sem interpretações ou julgamentos. O objetivo do caderno de observação é a construção de um retrato do aluno. Somente depois que houver um certo número de fatos/passagens/ocorrências será possível começar a formar julgamentos.

Quando anotar? Há duas maneiras de observar: a) planejando o momento de observar um aluno especificamente; b) registrando fatos espontaneamente, quando algo interessante acontece. Naturalmente essas duas formas se superpõem, o que exige que se planeje o trabalho e que ele seja sistemático. Contudo, observações não planejadas podem ser valiosas; é melhor ter vários registros curtos, desse tipo, do que registros muito longos e infreqüentes.

Como usar as folhas de observação? Elas podem estar em

branco ou apresentar as categorias a serem observadas, como, por exemplo: interação, atitudes, habilidades, resolução de problemas, comunicação, interpretação, aproveitamento do tempo etc. Se a opção for pelo uso de categorias, as folhas deverão conter espaço destinado a cada uma. Caso contrário, as folhas estarão em branco e as anotações serão feitas livremente.

Comentários sobre necessidades individuais

O último item da folha de observação tem função diferente dos demais. Enquanto as categorias de observação descrevem o que foi observado, o último espaço da folha de observação é destinado a anotações sobre o significado do que foi observado e a apontar preocupações e ações a serem desenvolvidas. Esses comentários referem-se às necessidades individuais dos alunos. Por exemplo: "isso tem acontecido sempre que ele chega atrasado. Conversar com ele para conhecer a razão dos constantes atrasos".

O que fazer com as folhas de observação já completas? Podem ser guardadas no caderno de observação, enquanto o aluno freqüentar a escola/curso, ou em pasta a ele destinada.

d) O uso dos registros de observação

Assim que as observações se acumulam, é necessário analisar seus registros, de várias formas.

O que analisar? Todos os alunos foram observados? Estão as observações restritas a determinados alunos, áreas curriculares ou categorias? As informações coletadas estão contribuindo para o desenvolvimento do trabalho ou há necessidade de replanejamento das observações?

Quando analisar? Quando houver uma quantidade de dados que justifique a análise; quando uma decisão precisar ser tomada; quando os dados já puderem ser articulados a outros coletados por outros meios.

Como analisar? Um quadro-resumo pode ser útil, onde se registrem os nomes dos alunos e as categorias observadas.

Por que analisar? As apreciações regulares ajudam a identificar necessidades de futuras observações; auxiliam a planejar o trabalho que permita observar os alunos investigando ou estabelecendo hipóteses, por exemplo; a replanejar as atividades de modo a se atenderem as necessidades detectadas; a ter informações mais completas sobre cada aluno, de forma contextualizada.

Como você pôde perceber, a avaliação formativa usa todas as informações disponíveis sobre o aluno. A interação professor/aluno é um processo muito rico, oferecendo oportunidade para que se obtenham vários dados. Cabe ao professor estar atento e saber identificá-los, anotá-los e usá-los em benefício do aluno e do trabalho pedagógico. A utilização exclusiva de provas escritas para decidir a trajetória de estudos do aluno deixa de considerar os diferentes estilos e manifestações de aprendizagem. A avaliação formativa tem por propósito a inclusão de cada aluno no processo de aprendizagem. Para isso, precisamos selecionar os procedimentos que atendam a cada situação e a cada contexto pedagógico.

Agora pense no seu contexto. Você certamente observa o seu aluno enquanto ele desenvolve as atividades escolares. É uma observação planejada? Quais alunos você observa? Como observa? O que você faz com as informações coletadas? Como elas se articulam com as outras obtidas por meio de outros procedimentos? Que contribuições este texto lhe trouxe? Quais contribuições você já poderá pôr em prática?

Articulações finais: avaliação e ética

O último item deste texto sintetiza o que deve ser nossa intenção maior com a avaliação: avaliar, sim, mas com ética. Vejamos o que isso significa.

Em toda ação docente estão presentes as dimensões técnica, política, estética e ética, estreitamente relacionadas (RIOS, 2001). Minha intenção é discutir a dimensão ética da avaliação. Contudo, como essas dimensões se entrelaçam e a ética é fundante das demais, apresentarei brevemente o significado de cada uma para, em seguida, deter-me na dimensão ética da avaliação. Nesta primeira parte deste item, vou me valer das contribuições de Rios (2001, p. 91).

Segundo o dicionário Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa, 1999, 3a edição, técnica refere-se "à parte material ou o conjunto de processos de uma arte". Nesse sentido, cabe falar de técnica cirúrgica, jurídica etc. Diz respeito, também, "à maneira, jeito ou habilidade especial de executar ou fazer algo". Nesse sentido, pode-se dizer: "este aluno tem uma técnica muito sua de estudar". Em outro sentido, técnica quer dizer prática.

Observa-se, então, que a técnica não pode ser supervalorizada, não é mesmo?

A técnica refere-se à maneira de se desenvolver uma ação. Rios (2001, p. 94) considera a dimensão técnica como suporte da competência, tendo significado específico no trabalho. Esse significado é empobrecido, afirma a autora, quando a técnica é vista desvinculada de outras dimensões. É assim que se cria a visão tecnicista, diz ela, que supervaloriza a técnica, ignorando sua inserção no contexto social e político e atribuindo-lhe caráter de neutralidade.

Estética vem do grego aesthesis, que indica a percepção sensível da realidade. Sensibilidade refere-se a algo além do sensorial, diz respeito à ordenação das sensações, sendo uma apreensão consciente da realidade, ligada estreitamente à intelectualidade. A sensibilidade está relacionada com o potencial criador e com a afetividade das pessoas. A estética é uma dimensão da existência, do agir humano (RIOS, 2001, p. 96).

Ao produzir sua vida, a pessoa se afirma como sujeito e produz sua subjetividade. A dimensão estética da prática docente traz luz para a subjetividade do professor, considera a autora. Não se trata de uma sensibilidade e de uma criatividade qualquer, "mas de um movimento na direção da beleza, aqui entendida como algo que se aproxima do que se necessita concretamente para o bem social e coletivo" (RIOS, 2001, p. 99).

A ação docente envolve técnica e sensibilidade, orientadas por princípios ético-políticos. Rios (2001, p. 100) trata ética e política conjuntamente, embora estabeleça a distinção entre elas. Ao

explorar o conceito de ética, Rios a diferencia de moral, que é o conjunto de "normas, regras e leis destinado a orientar a ação e a relação social e revela-se no comportamento prático dos indivíduos" (2001, p. 102). A moral corresponde ao ethos e não à ética.

Ethos, afirma Rios (2001, p. 100), é "morada do homem, espaço construído pela ação humana, que transcende a natureza e transforma o mundo, conferindo-lhe uma significação específica". Assim, ethos é o espaço da cultura, do mundo transformado pelos seres humanos. Por meio do ethos criam-se valores. Valorizar é relacionar-se com o mundo, dando-lhe significação. A ética não se confunde com o ethos, não é normativa; ela é a reflexão crítica sobre o ethos.

A política se articula com a moral e a ética. No espaço político transita o poder, definem-se acordos e hierarquias. A finalidade da política é dirigir-se em vista do bem comum de todas as atividades humanas no interior da "polis". A política é a arte real, ou arquitetônica, que comanda todas as outras, como o arquiteto comandando aos diversos artesãos na construção do edifício. Ora, se o bem supremo é também um bem comum, a política tende a assegurar a todos esse bem comum. Pois o fim da vida política é a consecução de uma vida feliz em acordo com a essência do homem enquanto ser racional e livre. Ademais, a política tem essa função, porque somente na "polis" o homem encontra o caminho de realização de suas possibilidades. A auto-realização do homem encontra seu único caminho na "polis" (NODARI, 1997 apud RIOS,2001, p. 106).

Segundo Rios (2001, p. 107), trabalho docente competente é aquele que faz bem. É aquele para o qual o professor mobiliza todas as dimensões de sua ação para proporcionar algo bom para si mesmo, para os alunos e a sociedade. Ele utiliza todas as possibilidades de que dispõe de maneira crítica, consciente e comprometida com as necessidades do contexto em que atua. Por isso, a autora esclarece que não entende competência como algo abstrato ou um modelo, mas situada no contexto em que vivemos. O ofício de professor se dá em um sistema de educação formal, numa determinada instituição escolar, como parte do coletivo da escola. A docência de melhor qualidade, acrescenta Rios (2001, p. 108), afirma-se na explicitação dessa qualidade: o quê, por quê, para quê, para quem. Essa explicitação se dará em cada dimensão da docência:

- na dimensão técnica, que diz respeito à capacidade de lidar com os conteúdos – conceitos, comportamentos e atitudes – e à habilidade de construí-los e reconstruí-los com os alunos;
- na dimensão estética, que diz respeito à presença da sensibilidade e sua orientação numa perspectiva criadora;
- na dimensão política, que diz respeito à participação na construção coletiva da sociedade e ao exercício de direitos e deveres;
- na dimensão ética, que diz respeito à orientação da ação, fundada no princípio do respeito e da solidariedade, na direção da realização de um bem coletivo (RIOS, 2001, p. 108).

A mesma autora chama a dimensão ética de "fundante da competência porque a técnica, a estética e a política ganharão seu significado pleno se, além de se apoiarem em fundamentos próprios de sua natureza, se guiarem por princípios éticos" (2001, p. 108). Assim, para que o professor pratique a avaliação com competência, não basta conhecer bem os conteúdos da sua disciplina, nem os conteúdos e procedimentos de avaliação. É preciso refletir criticamente sobre o valor efetivo da avaliação que adota para a inserção criativa dos sujeitos na sociedade. Não basta criar novos e atraentes procedimentos de avaliação – a criatividade é usada para a construção do bem-estar coletivo. Não basta se comprometer po-

liticamente, é preciso analisar a repercussão da avaliação adotada na trajetória escolar e de vida dos alunos.

Sendo a ética fundante da competência, avalia-se com ética. Nesse sentido, a avaliação é conduzida tendo como base o respeito ao aluno como pessoa e às produções que ele apresenta. É um ato de solidariedade porque, ao promover a aprendizagem do aluno, a avaliação está promovendo um bem individual e coletivo; tanto o aluno como a sociedade são beneficiados. Alunos educados contribuem para a constituição de sociedade mais humana e justa.

Primeiramente, torna-se importante discutir o papel que a avaliação informal tem cumprido, principalmente, nos anos iniciais da educação fundamental, em que a professora exerce ação intensiva sobre a criança, pelo fato de com ela interagir diariamente e durante todo o período escolar. Tem sido observado o uso constante de comentários sobre a pessoa do aluno, de forma pública, dentro da sala de aula e em todos os espaços escolares. Muitas situações chegam a constranger os alunos. Ao entrar na sala de aula quando as atividades já tinham iniciado e tendo tido autorização da direção, Ana (nome fictício) recebeu como cumprimento da professora da 4a série da educação fundamental: "como é que você não dá conta de chegar no horário se Elza (nome fictício), que é sua vizinha, sempre chega na hora certa?" Todos os olhares se voltaram para a menina, que abaixou os olhos e dirigiu-se silenciosamente para sua carteira (VILLAS BOAS, 1993). Dentro da sala de aula, toda sorte de comentários (elogios, ameaças, castigos, reprimendas e rótulos impostos aos alunos) costumam ser ditos em voz alta. Uma professora de 1a série da educação fundamental, ao aproximar-se da carteira de um menino, deu-lhe uma "bronca" por achar que ele estava trabalhando lentamente e acrescentou, voltando-se para toda a turma: "vocês estão vendo a preguiça que vocês têm?" (VILLAS BOAS, 1993). Nessa turma era comum a professora estender a todo o grupo um rótulo imposto a um aluno. Como a palavra "preguiçoso" tivesse sido usada largamente durante todo o ano letivo em que conduzi a investigação, talvez aquelas crianças tenham se convencido de que eram realmente preguiçosas.

Segundo Freire (1998, p. 66), "o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que ele se 'ponha no seu lugar' ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima [...] transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência".

O conhecimento profundo que a professora passa a ter da criança e até mesmo de sua família pode influenciar a avaliação do desempenho escolar. A mesma professora da turma da 1a série citada anteriormente disse à pesquisadora que o João (nome fictício) era muito "lerdo" e que esta era uma característica de toda a sua família. Acrescentou: "você acredita que a mãe dele veio à escola falar comigo usando a blusa pelo avesso?" (VILLAS BOAS, 1993). As informações sobre a criança e sua família costumam circular pela escola, ser motivo de risos em momentos informais, como o do "cafezinho", e orientar futuras decisões, como a constituição de turmas no início do ano letivo. Alunos que se matriculam em escola freqüentada há algum tempo por seus parentes podem adquirir a mesma imagem dos que os antecedem (VILLAS BOAS, 1993).

Já foi mencionado o fato de que a avaliação informal dá fle-

Toda a equipe pedagógica da escola deve pensar continuamente sobre a seguinte questão: quem é beneficiado e quem pode ser prejudicado com a avaliação praticada?

Com base nesses pressupostos, cabe refletir sobre os problemas de caráter ético que ainda estão presentes na avaliação. Formas de serem eliminados devem ser encontradas. Para isso, precisamos identificá-los. Vejamos alguns deles.

xibilidade de julgamento ao professor. A idéia de avaliar o aluno "como um todo" tem sido vista como uma necessidade que pode ser considerada uma faca de dois gumes, porque pode beneficiar ou prejudicar o aluno. O arredondamento de notas, sem critérios explícitos, foi anteriormente apontado como um exemplo do uso que pode ser feito da avaliação informal.

Outro aspecto que depõe contra o rigor ético na avaliação diz respeito a avaliar apenas o aluno, que é avaliado somente pelo professor. Se a avaliação existe para apoiar a aprendizagem e esta é conquistada pelo próprio aluno, nada mais natural que ele, juntamente com o professor, avalie seu progresso e participe da tomada de decisão quanto aos novos rumos das atividades. Além disso, admitindo-se que o trabalho pedagógico é desenvolvido por ambos, torna-se necessário que se avalie, também, a atuação do professor e o desenvolvimento desse trabalho. Isso significa contribuir para a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, assim como para a construção de uma sociedade democrática.

Dois outros aspectos relacionados à ética na avaliação escolar têm sido observados: a interação seletiva e a conseqüente marginalização de alunos na sala de aula. A interação seletiva é entendida por Perrenoud (1986, p. 48) como "a propensão pelo professor, no seio de um grupo, para estabelecer preferencialmente o diálogo com certos alunos, provavelmente os que são mais gratificantes, porque participam espontaneamente e também porque a sua participação faz progredir o grupo no seu conjunto". Geralmente, os alunos interpelados são os que apresentam "características do bom professor, que se exprimem claramente sem acumular erros, que não diminuem demasiado o ritmo da progressão etc. (PERRENOUD, 1986, p. 48).

Outro aspecto inibidor da ética na avaliação é a sua possível interferência na trajetória escolar e até de vida do aluno. Uma avaliação descomprometida com a aprendizagem de cada aluno pode ter conseqüências drásticas: contribuir para a formação de auto-imagem negativa, principalmente por parte de crianças que iniciam o processo de escolarização; provocar reprovação e repetência, acarretando mais anos de estudos do que o previsto; levar à busca por escola, turno ou curso de segunda categoria; obrigar o aluno a se evadir. Tudo isso representa fracasso na vida de uma pessoa e tem preço muito alto.

No caso específico do portfólio, a prática da avaliação com ética é imprescindível, por parte de professores e alunos. Nele os seus autores escrevem muito, elaboram reflexões, formulam idéias e se expõem muito mais do que em outros procedimentos de avaliação. Isso é um indicador de que o professor deve ler e apreciar essas produções com muito respeito, o que não retira o rigor e a seriedade da avaliação, pelo contrário, ela se torna mais responsável.

Já vimos que avaliação é aprendizagem. A prática da avaliação com ética é uma vivência valiosa para os alunos.

Pense no trabalho pedagógico que você desenvolve juntamente com seus alunos. Identifique os aspectos éticos praticados e descreva-os. Identifique os que ainda não atingem a dimensão ética desejada e os descreva.

Referências

ALLAL, L. Estratégias de avaliação formativa: concepções psicopedagógicas e modalidades de aplicação. In: ALLAL, L.; CARDINET, J.; PERRENOUD, P. (Org.). A avaliação formativa num ensino diferenciado. Coimbra: Almedina, 1986.

ARTER, J. A.; SPANDEL, V. Using portfolios of student work in instruction and assessment. Educational measurement: issues and practice. Spring, 1992, p. 36-44.

BARTON, J.; COLLINS, A. Portfolio assessment: a handbook for educators. New York: Dale Seymour Publications, 1997.

BATISTA, C. O. A utilização da prova como instrumento de avaliação. Texto apresentado durante o XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), Recife, 23 a 26 abr. 2006.

BLACK, P. et al. Assessment for learning: putting it into practice. England: Open University Press/McGraw-Hill Education/McGraw-Hill House, 2003.

CARDINET, J. A avaliação formativa: um problema actual. In: ALLAL, L.; CARDINET, J.; PERRENOUD, P. (Org.). A avaliação formativa num ensino diferenciado. Coimbra: Almedina, 1986.

EASLEY, S.; MITCHELL, K. Portfolios matter: what, where, when, why and how to use them. Ontario; Canada: Pembroke Publishers Limited, 2003.

FREIRE, P.; SHOR, I. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

HARLEN, W.; JAMES, M. Assessment and learning: differences and relationships between formative and summative assessment. Assessment in education: principles, policy & practice. UK: Carfax publishing limited, v. 4, n. 3, nov. 1997.

KLENOWSKI, V. Developing portfolios for learning and assessment: processes and principles. London: Routledge Falmer, 2003.

PERRENOUD, Ph. Das diferenças culturais às desigualdades escolares: a avaliação e a norma num ensino diferenciado. In: ALLAL, L.; CARDINET, J.; PERRENOUD, P. (Org.). A avaliação formativa num ensino diferenciado. Coimbra: Almedina, 1986.

RIOS, T. A. Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade. São Paulo: Cortez, 2001.

SAYÃO, R. Participação em sala de aula. Folha de São Paulo, Caderno Equilíbrio, São Paulo, 25 jun. 2006.

STIGGINS, R. Assessment, student confidence, and school success. Phi Delta Kappan, v. 81, n. 3, p. 191-198, nov. 1999.

STIERER, B. et al. Profiling, recording and observing: a resource pack for the early years. London: Routlege, 1993.

VILLAS BOAS, B. M. de F. As práticas avaliativas e a organização do trabalho pedagógico. 1993. XXX f. Tese. (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1993.

_____. Avaliação formativa: em busca do desenvolvimento do aluno, do professor e da escola. In: VEIGA, I. P. A.; FONSECA, M. (Org.). As dimensões do projeto político-pedagógico: novos desafios para a escola. Campinas: Papirus, 2001.

_____. Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico. Campinas: Papirus, 2004.